



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Violência Sexual nos Estudantes Universitários Portugueses

Catarina Pinto Araújo

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas

Tese submetida como requisito para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor José Henrique Pinheiro Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Agradeço profundamente ao Professor José Ornelas, que me ajudou e incentivou ao longo desta jornada. Obrigada pelas sugestões, por todas as críticas construtivas que me fizeram chegar até aqui, pelo apoio!

Agradeço também aos meus pais e à minha avó, pelo apoio incondicional, e que mesmo nos momentos mais difíceis desta etapa, naqueles dias em que tudo parecia correr mal, me ajudaram a manter a cabeça no lugar e a não desistir. Agradeço ao meu sobrinho por estar sempre a dizer “Tia, eu sei que vais ser a primeira”.

Agradeço a todos os meus amigos, por me ajudarem a manter-me tranquila e por me ajudarem a disponibilizar o questionário. Agradeço em especial à Ana Chambel e à Cláudia Ferreira por ajudarem na divulgação do questionário, pelo apoio e incentivo. Obrigada à Joana, por me ter apoiado desde o início, em todos os meus momentos de dúvidas e de desespero, e por me ajudar a manter o foco e continuar!

Agradeço igualmente a todos os participantes, pois sem eles o estudo não seria realizado.

Por fim, agradeço ao meu avô, que mesmo sem estar presente, esteve sempre comigo. Esta é para ti e por ti!

Resumo

A violência sexual contra as mulheres em contexto universitário é um fenómeno preocupante a nível mundial, deste modo o presente estudo tem como objetivo determinar e caracterizar a prevalência da violência sexual nos estudantes universitários portugueses, pois este tipo de investigação é escassa em Portugal.

A presente investigação envolveu 175 estudantes universitários, com idades a partir dos 17 anos, que preencheram o questionário *online*.

Os resultados obtidos na investigação mostram 11,99% dos participantes estiveram envolvidos em relações sexuais não consentidas com alguém por ter sido exercida pressão psicológica ou ameaças da outra pessoa; 5,14% afirma ter tido atividades sexuais não consentidas devido ao uso de força física e 5,14% responde que as atividades sexuais se deveram ao consumo de álcool ou drogas. Os perpetradores da violência sexual são maioritariamente conhecidos da vítima. No que diz respeito às consequências ao nível académico, 33,3% dos participantes que experienciaram relações sexuais não consentidas, afirma ter tido repercussões devido a esse ato.

É imprescindível que as medidas preventivas passem pela difusão de informação nos jovens, o mais cedo possível, para que desse modo, consigam lidar com a rejeição e compreender o que é apropriado fazer ou não a outra pessoa.

Palavras-Chave: Violência sexual, mulheres, universidade

Abstract

Sexual violence against women in university is a worldwide concerning phenomenon, so the present study aims to determine and characterize the prevalence of sexual violence among Portuguese university students, because this type of research is scarce in Portugal.

The current investigation involved 175 university students with ages starting at 17 that agreed to answer to an online questionnaire.

The results obtained in the survey show that 11,99% of the participants were involved in sexual relations not consensual with someone because of psychological pressure or threats from the other person; 5,14% stated that sexual activities are not consensual due to the use of physical force and 5.14% answered that sexual activities were a consequence of alcohol and drugs abuse. The perpetrators of sexual violence are mostly known to the victim. Regarding the consequences at the academic level, 33.3% of the participants who experienced non-consensual sexual relations, affirm to have had repercussions due to this act.

It's imperative that as preventive measures go through diffusion of information of young people, as soon as possible, so that, in this way, they can deal with a rejection and understand what is appropriate to do or not another person.

Keywords: Sexual violence, women, university

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract.....	V
1. Introdução.....	1
2. Revisão de Literatura	2
2.1. Consumo de álcool e a violência sexual	8
2.2. Consequências	9
2.3. Contexto Legal.....	11
2.4. Programas de Prevenção	12
2.5. Evidência Científica.....	14
3. Metodologia	17
3.1. Objeto de Estudo.....	17
3.2. Participantes.....	17
3.3. Delineamento do Estudo	21
3.4. Procedimento	21
3.5. Instrumento	21
4. Análise de Resultados	22
4.1. Dados Descritivos	22
4.2. Ocorrência da Violência Sexual.....	22
4.3. Relação com o perpetrador	25
4.4. O gênero do perpetrador	27
4.5. Consumo de álcool ou drogas e violência física.....	29
4.6. Ocorrência de consequências ao nível académico	31
4.7. Prevenção da violência sexual	31
5. Discussão.....	33
6. Considerações Finais.....	36
Limitações.....	37
Estudos futuros	38
7. Referências Bibliográficas	39

Lista de figuras

Figura 1: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição quanto ao sexo.....	17
Figura 2: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face à nacionalidade.....	19
Figura 3: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face à orientação sexual.....	19
Figura 4: Percentagem de respostas à questão 1: “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?”.....	23
Figura 5: Percentagem de respostas à questão 2: “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?”.....	23
Figura 6: Percentagem de respostas à questão 3: “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?”.....	24
Figura 7: Percentagem de respostas à questão 1, 2 e 3, comparando o sexo dos participantes.....	25
Figura 8: Percentagem de respostas sobre a relação com o perpetrador, relativamente à questão 1.....	26
Figura 9: Percentagem de respostas sobre a relação com o perpetrador, relativamente à questão 2.....	26
Figura 10: Percentagem de respostas sobre a relação com o perpetrador, relativamente à questão 3.....	27
Figura 11: Percentagem de respostas comparando géneros, relativamente à questão “Teve relações sexuais indesejadas com pessoas que não queriam por estarem sob o efeito de drogas ou álcool?”.....	28
Figura 12: Percentagem de respostas comparando géneros, relativamente à questão “Teve relações sexuais com pessoas que não queriam porque as ameaçou de usar ou usou força física (torcendo-lhes os braços, atirando para o chão, etc.)?”.....	28
Figura 13: Percentagem de respostas relativamente ao consumo de álcool e/ou drogas bem como o recurso à violência física.....	29
Figura 14: Percentagem de resposta à questão: “Quantas vezes soube ou suspeitou que alguém tinha colocado droga(s) na bebida sem ter conhecimento?”.....	30

Figura 15: Percentagem de resposta à questão: “Alguma vez colocou ou conhece alguém que tenha colocado drogas na bebida de outra pessoa de propósito?”.....	30
Figura 16: Percentagem de respostas relativamente às questões “Alguma vez faltou à escola/emprego em consequência de ter tido relações sexuais não consentidas?” e “As notas/classificação pioraram em resultado ou consequência de relações sexuais não-consentidas?”.....	31
Figura 17: Percentagem de respostas à pergunta sobre apresentações de prevenção da violência sexual no total de participantes.....	32
Figura 18: Percentagem de respostas à pergunta sobre apresentações de prevenção da violência sexual nos participantes que sofreram violência sexual.....	32

Lista de tabelas

Tabela 1: Estudos científicos sobre a incidência da violência sexual nos estudantes universitários.....	14
Tabela 2: Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face às idades.....	18
Tabela 3: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face ao ano frequentado.....	18
Tabela 4: Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face ao estado civil.....	18

Índice de Anexos

Anexo A: Questionário sobre a incidência de violência sexual no campus universitário reduzido	46
---	----

“They are all innocent until proven guilty.

But not me. I am a liar until I am proven honest.” – Louise O'Neill, sobrevivente

1. Introdução

Desde sempre que os estabelecimentos universitários são considerados como sendo locais privilegiados, contudo nem sempre são locais seguros para as jovens mulheres, que estão mais suscetíveis, não só, às questões da violência sexual mas também da violência de gênero. A violência contra as mulheres é um problema comum a todas as culturas, contudo só nos últimos 50 anos é que se tem dado uma maior importância a este fenómeno devido ao aumento do número de denúncias de violações ocorridas nos anos 70 e à consequente incapacidade de resposta por parte das diversas instituições (Berliner, Fine, & Moore, 2001).

Estudos referem que cerca de uma em cada cinco estudantes universitárias tenham experienciado violência sexual durante o seu percurso académico (Fisher, Cullen, & Turner, 2000; Sweeney, 2011; Sorenson, Joshi, & Sivitz, 2013; Schwartz, McMahon & Broadnax, 2015). Esta forma de violência manifesta consequências ao nível do percurso académico e pessoal, visto que a maior parte das estudantes universitárias que sofre de agressão sexual apresenta um aumento dos consumos de álcool, tabaco e outras substâncias, bem como limitações ao nível do desempenho escolar (Kilpatrick, Acierno, Resnick, Saunders, & Best, 1997).

Neste sentido, profissionais das mais diversas áreas têm dado um maior enfoque na violência em contexto universitário, a fim de criar novas estratégias de intervenção neste mesmo contexto com o objetivo de prevenir a violência interpessoal.

Apesar de recentemente, a sociedade portuguesa estar mais consciencializada para a problemática com estudantes universitários, devido a movimentos contra a cultura da violação, no que diz respeito a estudos, estes ainda são escassos. Devido a esse fator e à grande importância que este tema acarreta, a presente dissertação tem como objetivo compreender e analisar a prevalência da violência sexual no contexto académico português.

A presente investigação encontra-se, deste modo, dividida em cinco partes. A primeira parte corresponde à revisão de literatura sobre algumas temáticas relevantes para a compreensão do tema em questão e resultados obtidos. Na segunda parte contempla-se a

metodologia, que engloba as características dos participantes, o instrumento e o procedimento utilizado, sendo que a terceira parte do trabalho diz respeito à análise dos resultados obtidos. Na quarta, é realizada a discussão dos resultados tendo em conta os fundamentos teóricos que foram apresentados na primeira parte da monografia, bem como limitações do estudo e propostas para futuros estudos a realizar, enriquecendo deste forma, uma área pouco abordada em Portugal. Por fim, na quinta parte, são referenciadas as bases teóricas utilizadas.

2. Revisão de Literatura

A prevalência da violência sexual nos académicos portugueses é uma área, ainda, pouco estudada em Portugal, deste modo, o presente estudo pretende definir o conceito de assalto sexual, estabelecer a importância em fornecer o consentimento, compreender como são vistos os estabelecimentos universitários, conhecer quem são maioritariamente as vítimas bem como os perpetradores e qual a relação entre ambos. Também é de extrema importância compreender a forma como o assalto sexual é vista pela sociedade (*Rape Myths*) e que de certa forma se encontra associado à razão pela qual a taxa de denúncia deste tipo de violência ser tão baixa.

A violência sexual contra as mulheres é um problema persistente, em todos os contextos e sociedades (Banyard et al., 2007). Contudo, as taxas de violência sexual nos estudantes universitários são três vezes mais elevadas que na restante população (Aronowitz, Lambert, & Davidoof, 2012).

É estimado que, nos Estados Unidos da América, 3% a 20% das mulheres seja vítima de violência sexual durante os anos na universidade (Stotzer & MacCartney, 2015). Para a maioria dos estudantes universitários, a fronteira que separa uma relação sexual consentida e uma violação é ténue.

De acordo com *Centers for Disease Control and Prevention*, o assalto sexual (Swan, Allen, & Ridgeway, 2015; DeMatteo, Galloway, Arnel, & Patel, 2015; Mouilso, Fischer, & Calhoun, 2012), é definido como a perpretação de um ato físico sexual contra uma pessoa que, devido a alguma circunstância, é incapaz de dar consentimento, seja por idade, doença, incapacidade física/mental, ou por estar a ser ameaçada ou agredida fisicamente. O assalto

sexual engloba inúmeros comportamentos que vão desde a perseguição à violação (Sutherland, Amar & Sutherland, 2014).

A perpetração de assalto sexual está associada a fatores que implicam a falta de respeito pelos outros, bem como dos seus direitos e limites, como por exemplo: querer ter poder, dominar e controlar. De acordo com Swan, Warren & Allen (2015), um dos elementos-chave que permite esta mesma perpetração é a crença de que os direitos da vítima não são tão importantes quanto os do perpetrador. Um dos direitos da vítima é o de não dar consentimento a um ato sexual. O consentimento deverá ser dado através de uma comunicação livre, demonstrando o desejo de ter essa mesma atividade sexual. Para uma pessoa dar o consentimento, é necessário que a mesma cumpra com a idade local para ser capaz de dar consentimento, ter a capacidade física e mental para fornecer esse consentimento e todas as partes envolvidas deverão concordar com a participação na atividade sexual (Swan et al., 2015).

Apesar de serem vistas como locais privilegiados, as universidades são também vistas como o meio condutor para a violência sexual, e por isso nem sempre é um local seguro para as jovens mulheres, que estão mais suscetíveis às questões da violência sexual. Tal assunção, assenta na noção de que a experiência universitária é vista como um período de exploração em que os estudantes vivem, muitas vezes pela primeira vez, sozinhos. Onde, tendem a aproveitar essa “liberdade” com o envolvimento em atividades que os podem colocar numa situação de maior perigo para a violência sexual, tais como o consumo de álcool e de drogas ilícitas e o aumento da atividade sexual (Sweeney, 2011; Martins, 2012).

A maioria das violações neste contexto está diretamente relacionada com a cultura de pares focada no consumo de álcool e sexo (Sweeney, 2011). Sampson (2010) afirma que as primeiras semanas do ano letivo são consideradas mais perigosas, pois é nesta altura em que os estudantes se conhecem, ocorrem diversas festas e a prática de praxes académicas. São várias as características do estilo de vida dos estudantes universitários que aumentam a probabilidade de experienciar um assalto sexual. Segundo Sweeney (2011), ser novo na universidade, beber mais que o habitual e adotar atitudes menos conservadoras no comportamento sexual, constitui um fator de risco para os estudantes. Stotzer e MacCartney (2015) acrescentam ainda o elevado número de parceiros sexuais, ter experienciado qualquer tipo de violência por um antigo companheiro e consumir algum tipo de droga.

A prevalência de assalto sexual e perseguição é estimada em uma em cada cinco para uma em cada três mulheres universitárias, que corresponde a 14 e 17% de estudantes universitárias vítimas de violação ou tentativa de violação (Fisher et al., 2000; Fisher, Daigle & Cullen, 2010).

A violação é o crime violento mais comum cometido nos *campus* universitários americanos atualmente (Fisher et al., 2000). Estudos demonstram que existem diferenças nos papéis intervenientes da violência sexual, sendo que as mulheres estudantes têm um risco mais elevado de serem vítimas, e os homens são os perpetradores (Martin, Fisher, Warner, Krebs, & Lindquist, 2011).

Mas nem só as estudantes do sexo feminino são vítimas de violência sexual, também os estudantes do sexo masculino podem ser vítimas, no entanto representam uma minoria comparativamente às mulheres, cerca de 18,5% a 31% (Davies, Pollard, & Archer, 2001; Turchik, 2012). De acordo com Hines, Armstrong, Reed, e Cameron (2012), cerca de 10% a 22% dos estudantes universitários masculinos sofreram de coerção sexual perpetrada por mulheres, e apenas entre 1% a 3% dos homens afirma ter sido sexualmente assaltado após ter sido fisicamente agredido por mulheres.

As barreiras para as vítimas masculinas, no que diz respeito à denúncia, são ainda maiores comparativamente às vítimas femininas. A violência sexual em homens é um dos temas menos abordados no que se refere a crimes na nossa sociedade, isto devido a diversos fatores, incluindo falsas crenças de que os homens não podem ser sexualmente vitimizados e que os homens apenas apresentam risco de violência sexual em contexto institucional (Swan et al., 2015).

Sendo os estudantes universitários masculinos, por si só considerado um grupo de risco, devido ao elevado número de comportamentos de risco, incluindo problemas associados ao consumo de álcool, consumo de drogas, fumar e comportamentos sexuais de risco, e dadas as potenciais consequências destes comportamentos, é de grande relevância examinar se o “rótulo” de vítima aumenta o risco de os homens se envolverem em comportamentos de risco (Turchik, 2012).

As baixas taxas de denúncia feita por vítimas masculinas não surpreende, pois os homens são socializados para serem fortes e controlarem as suas próprias emoções, deste modo é pouco provável que reportem algum tipo de agressão sexual.

Em 1980, Burt foi o primeiro autor a focar-se numa das razões pelas quais a vítima tem receio em reportar a sua violação, os *Rape Myths* (Mitos da Violação). Os Mitos da Violação correspondem a “atitudes e crenças, geralmente falsas mas que estão enraizadas de forma persistente e que servem para negar e justificar a agressão sexual por parte de um homem contra uma mulher” (Brownmiller, 1975). Burt fez duas grandes descobertas no seu estudo sobre os Mitos da Violação: a primeira é que a maior parte da sociedade acredita, e a segunda descoberta mostra que a perceção que as pessoas têm sobre a violação está correlacionada com a aceitação da violência.

A aceitação dos Mitos da Violação, o desejo de ter mais poder sobre as mulheres juntamente com o aumento do estereótipo de género contra as mulheres, são um dos fatores individuais que pode conduzir ao aumento da probabilidade de os homens se envolverem nas violações (Swan et al., 2015). Bannon, Brosi, e Foubert (2013), acrescentam ainda que a aceitação destes mitos leva também à criação de uma ideologia dominada pelos homens, onde as mulheres são vítimas e regularmente culpadas do assalto sexual.

Estas atitudes contribuem para a prevalência da violação e para que sejam utilizadas para justificar cognitivamente uma violação. De um modo geral, os Mitos da Violação servem para culpabilizar a vítima, minimizar a violação, exonerar o perpetrador e afirmar que apenas determinadas mulheres podem ser violadas (Eysel, & Bohner, 2011; Gerger, Kley, Bohner, & Siebler, 2007; Burt, 1980).

Dentro das crenças dos Mitos da Violação, os mais comuns são que a vítima provocou a sua própria agressão sexual através da roupa que utiliza, o seu comportamento, estar sozinha, consumir álcool, sair à noite (Deming, Covan, Swan, & Billings, 2013); o assalto sexual só acontece a determinadas mulheres, qualquer mulher saudável consegue resistir ao violador se quiser, as violações são falsamente reportadas (Bannon et al., 2013); que a vítima, secretamente gostou ou que mentiu sobre a ocorrência do crime (Buddie, & Miller, 2001);

Aronowitz et al. (2012) realizaram um estudo que contava com 237 estudantes universitários, no qual 63% dos participantes afirma que se uma mulher tem uma relação

casual com um homem, é permitido que o homem considere que a mulher quer uma relação sexual.

No que diz respeito às vítimas masculinas, os Mitos da Violação defendem que é impossível violar um homem (Swan et al., 2015) e que homens que são violados são homossexuais (Turchik, 2011).

Os Mitos da Violação encontram-se fortemente relacionados com a razão pela qual poucas vítimas denunciam ter sido sexualmente assaltadas. Apesar da prevalência e do impacto da violência sexual, esta continua a ser dos crimes menos reportados. Cerca de 95% destas mesmas violações não são reportadas às autoridades (Krivoshey, Adkins, Hayes, Nemeth, & Klein, 2013). Este número é bastante elevado pois, de acordo com Clay-Warner & McMahon-Howard (2009), deve-se a uma série de motivos: medo de retaliação por parte do agressor, medo que a polícia não acredite na vítima, conhecer o agressor, serem mal vistas pela família, mas sobretudo pelos sentimentos de culpabilização e vergonha.

Sabina e Ho (2014) referem que as vítimas que apresentam maior probabilidade de denunciar o assalto sexual apresentam determinadas características sendo elas: a capacidade de reconhecer o ato, recordar grande parte do que aconteceu, ser capaz de ter uma comunicação sexual, para explicar de forma clara o ataque, e ter consciência de que a família irá saber.

Neste sentido, e associado às baixas taxas de denúncia está a forma como a vítima vê o ato. Um estudo realizado por Fisher et al. (2000) demonstra que 46,5% das mulheres que participaram no estudo, vêm o incidente como tendo sido uma violação, 48,8% afirma que o incidente não foi uma violação, e 4,7% respondeu que não sabe.

As estudantes universitárias têm maior probabilidade de reportar à polícia quando o incidente é mais agressivo, por exemplo quando o perpetrador recorre ao uso de arma, ou quando a vítima define que o incidente pelo qual passou foi uma violação. Também existe maior probabilidade de denúncia quando o incidente envolve uma pessoa estranha à vítima (Fisher et al., 2003) ou uma pessoa de raça diferente (Sabina, & Ho, 2014).

Contudo, cerca de 80% a 90% das violações são cometidas por pessoas próximas da vítima, apesar que a sociedade continue a promover a crença de que a violência sexual é

geralmente cometida por um estranho (Sweeney, 2011; Krivoshey et al., 2013; Jozkowski, Peterson, Sanders, Dennis, & Reece, 2014).

Consistente com a tendência de ver as violações perpetradas por pessoas próximas da vítima como menos graves que as violações perpetradas por estranhos, não é incomum ouvir que as violações perpetradas por conhecidos da vítima resultam da falta de comunicação e falta de compreensão entre o perpetrador e a vítima (Lisak, & Miller, 2002).

A relação vítima-agressor é conceitualizada como tendo vários graus de familiaridade que inclui estranhos, conhecidos e parceiros íntimos. Segundo Logan, Cole, e Capillo (2007), as características das agressões sexuais envolvem, segundo os mesmos autores, quatro pontos fundamentais: 1) localização onde ocorre a agressão, 2) táticas utilizadas durante a agressão, 3) severidade da violência, e 4) severidade das lesões das vítimas.

- 1) Quanto à localização da agressão, esta difere consoante a relação com a vítima. Agressões cometidas por namorados/maridos, ocorrem em casa da vítima; agressões perpetradas por conhecidos ou estranhos ocorrem em locais públicos, como por exemplo bares, automóveis;
- 2) No que respeita às táticas utilizadas, tanto os namorados/maridos como pessoas desconhecidas utilizam métodos de coerção, como por exemplo violência física;
- 3) Penetração vaginal é o método utilizado por parceiros íntimos e pessoas conhecidas no que diz respeito à severidade da violência; a estimulação sexual ou sexo oral é característica da perpetração de pessoas estranhas à vítima;
- 4) Não existe diferenças entre a severidade das lesões entre os vários tipos de perpetradores, sendo que as lesões podem ser: fraturas em diversas partes do corpo, nódoas negras na face.

Para Deming et al. (2013), a maior dificuldade enquanto vítima é identificar-se como tendo sido vítima. Quem sofre uma violação, fica reticente em reportar devido à vergonha ou devido ao estigma associado a uma vítima de violação, este fenómeno é denominado por violência secundária. A violência secundária ocorre quando a vítima percebe que os outros a vêem como a culpada pelo assalto sexual, e este é um potencial fator associado à reticência das vítimas para reportarem o ato. Os mesmo autores acrescentam ainda que quanto mais

frequentemente este tipo de situações ocorre, mais normais se torna e por consequente menos probabilidade têm de rotular essas situações como tendo sido uma violação.

2.1. Consumo de álcool e a violência sexual

Diversos estudos têm avaliado a relação entre o consumo de álcool e a violência sexual nos estudantes universitários (Abbey, 2002). O consumo de álcool antes ou durante o assalto sexual é uma característica comum, particularmente nas populações universitárias (Logan et al., 2007).

É consensual que o álcool se encontra no cerne das questões relativas à violência sexual perpetrada nas universidades (Jordan, Combs, & Smith, 2014; Stotzer & MacCartney, 2015; Gilmore, Lewis, & George, 2015; Sutton & Simons, 2015). No entanto, não está claro se o consumo de álcool é a causa da violência sexual, ou, se o desejo de cometer assalto sexual é a causa do consumo de álcool (Abbey, 2011).

Estudos indicam que metade das agressões sexuais está associada ao consumo de álcool, por parte do perpetrador, da vítima ou de ambos (Franklin, 2011; Lindquist, et al., 2013). Um estudo realizado por Aronowitz et al. (2012) com 237 estudantes universitários, mostra que 41% dos participantes acredita que se uma mulher é violada enquanto está alcoolizada, então parte da culpa é sua. Hines et al. (2012), referem ainda que 86% dos universitários do sexo masculino e 70% das universitárias femininas reporta ter estado a consumir álcool antes do assalto sexual. 71% dos universitários do sexo masculino e 78% das raparigas universitárias referem que o seu perpetrador esteve a consumir álcool durante o assalto sexual.

A ingestão de álcool engloba diversos problemas para os jovens. Os rapazes estudantes universitários que reportam beber frequentemente apresentam maior probabilidade de cometer violência sexual do que outros rapazes universitários.

Segundo Brunt, Murphy, e O'Toole (2015), o álcool e o consumo de outras substâncias são frequentemente ingeridos pelos estudantes universitários para se sentirem mais relaxados, reduzindo assim a ansiedade social, e deste modo aumentar o prazer. Mohler-Kuo, Dowdall, Koss, e Wechsler (2004) referem que os homens universitários esperam sentir-se mais poderosos, sexuais e agressivos após consumirem álcool.

O consumo de álcool inibe a capacidade para interpretar as intenções sexuais, encoraja comportamentos que não correspondem ao seu habitual comportamento, aumenta a disposição para o homem se tornar agressivo e afeta a capacidade de reconhecer perigo (Abbey, 2002).

Quando o perpetrador está sob o efeito de álcool torna-se mais fácil para ele focar-se nos benefícios a curto-prazo de uma relação sexual forçada do que pensar nas consequências negativas a longo-prazo (Abbey, & McAuslan, 2004). Quando a vítima está intoxicada, a sua vulnerabilidade bem como o risco de violência aumenta, devido à inibição da capacidade de reconhecer situações de risco e à consequente diminuição da capacidade de resistir à agressão (Stotzer, & MacCartney, 2015; Sutton, & Simons, 2015). Estudos mostram que quando a vítima está incapacitada torna-se menos capaz de conseguir encontrar uma forma de escapar à situação em que se encontra e apresenta menor probabilidade de usar estratégias físicas para resistir (Mohler-Kuo et al., 2004).

Abbey e McAuslan (2004), defendem que o assalto sexual também pode ocorrer quando a vítima deu o seu consentimento e depois recusa. Alguns homens podem interpretar, de forma errónea, esta recusa como sendo uma forma de resistência, e como a sua perceção de uma mulher alcoolizada é de que esta é mais sexual, o homem insiste para consumir a relação sexual (Gilmore et al., 2015; Brunt et al., 2015).

2.2. Consequências

O assalto sexual pode ter um efeito devastador nas vidas das vítimas, psicologicamente mas também academicamente. Como referido anteriormente, os perpetradores são pessoas conhecidas da vítima, e de forma a evitar este contacto contínuo com o seu agressor, de acordo com Lindquist, et al. (2013), as vítimas acabam por desistir das cadeiras, pedir transferência para outra universidade ou mudar de casa.

A vítima pode continuar a viver com medo após ter sofrido o assalto sexual, pois o seu perpetrador pode viver no mesmo local ou até mesmo, frequentar as mesmas aulas. É habitual as vítimas revitimizarem-se, sobretudo quando colegas do perpetrador descobrem que a vítima irá prosseguir com uma ação judicial (McMahon, 2008).

A culpabilização por parte das vítimas da agressão sexual é uma das consequências imediatas. Vítimas agredidas sexualmente enquanto incapacitadas, sob o efeito de álcool, tendem a experienciar maior culpabilização que as restantes vítimas (Littleton, Grills-Taquechel, & Axsom, 2009).

No que diz respeito às consequências sofridas pelas vítimas existe algum consenso. Segundo Kingree e Thompson (2015), após violência sexual, as vítimas reportam sintomas depressivos, questões relacionadas com o álcool e cognições negativas. Os mesmos autores referem ainda que as vítimas reportam também tentativas de suicídio. Aronowitz et al. (2012) referem ainda que as vítimas podem experienciar desequilíbrio cognitivo, afetivo, e/ou comportamental, na sequência de uma agressão sexual.

Diversos estudos identificam o choque, confusão, medo, agitação e o retraimento social como consequências imediatas após violência sexual e *stress* pós-traumático, depressão, ansiedade generalizada e ideação suicida nas consequências a longo-prazo (Campbell, Dworkin, & Cabral, 2009; Jordan, Campbell, & Follingstad, 2010). Um estudo conduzido por Faravelli, Guigni, Salvatori e Ricci (2004), em que compararam vítimas de violação com pessoas que não experienciaram qualquer forma de violência, observaram que as vítimas de violação apresentam níveis mais elevados de depressão, distúrbios alimentares e perturbações da ansiedade.

As sequelas psicológicas e somáticas encontradas em vítimas de violação incluem ansiedade, alterações negativas nos esquemas individuais, dores crónicas, depressão, *stress* pós-traumático bem como retraimento social, profissional e familiar (Kaura, & Lohman, 2007). Ullman e Najadowski (2010), acrescentam ainda que as vítimas reportam também problemas de álcool, após terem sofrido violência sexual.

Outras consequências da violência incluem o aumento de tabaco, consumo de álcool e de drogas e incapacidade de se concentrar em tarefas (Kirlpatrick, Acierno, Resnick, Saunders, & Best, 1997).

Relativamente a vítimas masculinas, estas podem sentir-se mais envergonhadas com a sua violência comparativamente com as vítimas femininas. Como os homens apresentam menos probabilidade de procurarem ajuda, as consequências de uma agressão sexual podem ser vividas com maior severidade. Sentir-se violado, sem ajuda, com receio e sofrer de *stress*

pós-traumático são algumas das consequências sentidas pelas vítimas masculinas (Walsh, Banyard, Moynihan, Ward, & Cohn, 2010). Turchik (2011) refere ainda que a disfunção sexual é uma consequência da agressão sexual, porém é pouco claro se é uma consequência direta relacionada com comportamentos de risco (consumo de substâncias), ou relacionada com sequelas psicológicas, como por exemplo a depressão.

Contudo, estudos demonstram que os sobreviventes de um assalto sexual e que não procure ajuda reporta sofrer de mais *stress* pós-traumático e mais sintomas de depressão (Holland, & Cortina, 2017).

Através do documentário *The Hunting Ground* (2015), é-nos possível ver que cada vítima ultrapassa a experiência traumática de forma diferente. De acordo com Kilpatrick, Resnick, Ruggiero, Conoscenti e McCauley (2007), algumas vítimas referem denunciar apenas para que não volte a acontecer a mais ninguém.

2.3. Contexto Legal

O problema da violência interpessoal tem tido um maior destaque nos últimos anos. Contudo, e apesar de a violação ser um crime contra as pessoas, no que toca aos estudantes universitários ainda pouco é abordado. Lisak e Miller (2002) afirmam que a grande maioria dos violadores não são levados à justiça.

Nos Estados Unidos da América, e devido à forte incidência que este fenómeno apresenta, existe em vigor uma série de leis dirigidas a chamar à atenção para a violência sexual nos estabelecimentos universitários, sendo que “*Clery Act*” foi a primeira lei a entrar em vigor com este propósito (DeMatteo et al., 2015). Esta lei foi criada devido a um movimento gerado pela família de uma estudante universitária que foi torturada e violada no seu dormitório. A *Clery Act* exige que todas as universidades fornecessem as contagens de todos os crimes ocorridos nos estabelecimentos académicos: homicídio; homicídio negligente; crimes sexuais forçados; crimes sexuais não forçados; roubos, furtos; e fogo posto (McMahon, 2008). Os crimes sexuais forçados correspondem aos seguintes atos: violação, sodomia forçada, agressão sexual com um objeto e carícias forçadas.

Posteriormente, a lei “*Title IX*” implementada em 1972, e apesar de estar associada à discriminação sexual no que diz respeito ao desporto, aplica-se a toda a discriminação sexual

na educação, incluindo a violência sexual nas universidades (DeMatteo et al., 2015). Esta aplicação do “*Title IX*” assenta no princípio de que a violência sexual interfere com o acesso das estudantes a uma educação equitativa, criando um ambiente hostil.

No que diz respeito a Portugal, o crime de violação pertence ao capítulo dos crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual, mais concretamente ao art. 164º, do Código Penal. É considerado violação quando alguém “por meio de violência, ameaça grave, ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, cópula, coito anal ou coito oral; ou a sofrer introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos”, levando à pena de prisão de três a dez anos. Se a vítima não tiver sido incapacitada pelo seu perpetrador, o crime de violação tem uma pena de prisão de um a seis anos (Código Penal, 2017).

2.4. Programas de Prevenção

A prevenção e a intervenção são fatores-chave para diminuir a ocorrência de violência sexual em todos os contextos. As estratégias de sensibilização têm procurado aumentar o conhecimento dos universitários acerca dos perigos que a violência sexual envolve e quais os programas de intervenção que se encontram disponíveis. As estratégias de redução de risco procuram ensinar às mulheres, estratégias para reduzir a probabilidade de se tornarem vítimas (Coker et al., 2011).

De um modo geral, é evidente que não é apenas um único fator que provoca a violência sexual, e é igualmente pouco provável que, quando, as intervenções individuais implementadas sozinhas tenham um amplo impacto na saúde pública. Os princípios da prevenção sugerem que os programas de intervenção mais eficazes são compreensivos, pois têm como foco vários fatores de risco e protetores (Tharp et al., 2012). Para os mesmos autores, os programas de prevenção compreensivo devem considerar tanto os fatores de risco como os de proteção ao nível individual, relacional e comunitário.

Vários estudos indicam que, embora os programas de redução de risco possam ser eficazes a curto prazo no aumento de comportamentos de proteção e mudança de atitudes, nenhum efeito sobre as taxas de violência sexual foi observado (Coker et al., 2011). Tendo em

conta que estas estratégias têm-se mostrado pouco eficazes na redução da violência sexual nas universidades, os investigadores centraram a sua atenção nas medidas preventivas.

Neste sentido, foram desenvolvidas uma série de estratégias denominadas de “*bystander*” (espetador), que tem como objetivo envolver as pessoas numa prevenção através do aumento da consciência da natureza e frequência da violência bem como de comportamentos que possam, de um forma segura e efetiva, intervir para reduzir o risco de violência. O sucesso deste tipo de abordagem interventiva prende-se com a mudança das normas da comunidade que contribuem para a violência sexual (Coker et al., 2011). As variáveis centrais neste tipo de abordagem resultam na pré-disposição do espetador, do nível de motivação para intervir numa potencial ou numa situação ativa de assalto sexual, e a eficácia do espetador, que é vista como o que consegue de facto prevenir o assalto sexual (Bannon et al., 2013).

No entanto, Swan et al. (2015) fazem uma crítica a estas estratégias, pois apenas “foram desenhadas segundo modelos de tratamento feministas”, e só as mulheres se sentem confortáveis com este tipo de estratégias. A abordagem de observação pode reduzir a aceitação da agressão, aumentar a pré-disposição para a observação bem como intenções e comportamentos, e reduzir a violência e a perpetração (Coker et al., 2014).

De uma forma geral, é fundamental a existência de esforços preventivos, e deste modo, a prevenção deverá atuar em três fatores distintos: a prevenção primária, secundária e terciária. Segundo Matos, Machado, Caridade e Silva (2006), a prevenção primária deverá ter como objetivo principal trabalhar com pessoas que nunca mantiveram contato com realidades violentas ou experiências de violência, procurando ajudá-los a manter esta mesma condição. A prevenção secundária resume-se ao trabalho específico e direcionado para indivíduos em que existe o risco de se tornarem vítimas ou perpetradores de violência física (adolescentes vítimas de violência parental; expostos a violência intraparental); e por fim, a prevenção terciária que procura trabalhar com pessoas que foram alvos de assalto sexual e que procuram ajuda, de forma a diminuir este impacto e evitar uma nova violência.

2.5. Evidência Científica

A temática abordada no presente trabalho tem sido estudada de uma forma consistente por todo o mundo, existindo uma maior incidência nos Estados Unidos da América.

De forma a facilitar a análise de diversos estudos que abordam a violência sexual em estudantes universitários, foi elaborado a tabela abaixo.

Autores	Amostra	Resultados
Abbey, A., & McAuslan, P. (2004).	197 estudantes universitários masculinos	14% (28) dos estudantes revela ter cometido assalto sexual. 43% estava envolvido com a vítima.
Hines, D. A., Armstrong, J. L., Reed, K. P., & Cameron, A. Y. (2012).	1916 estudantes universitários (535 homens e 1381 mulheres)	6,6% das mulheres foram violadas enquanto 3,2% dos homens afirmam ter passado pela mesma experiência
Mouilso, E. R., Fischer, S., & Calhoun, K. S. (2012).	319 estudantes universitárias do 1º ano da faculdade	19,3% reporta ter experienciado pelo menos um assalto sexual durante o 1º ano
Neilson, E. C., Gilmore, A. K., Pinsky, H. T., Shepard, M. E., Lewis, M. A., & George, W. H. (2015).	620 estudantes universitárias, com idades entre os 18 e 20 anos	21,6% afirma ter sido violada desde que entrou na faculdade
Ford, J., & Soto-Marquez, J.G. (2016).	19884 estudantes universitários (6109 homens e 13775 mulheres) com idades entre os 18 e 24 anos	13,3% das mulheres heterossexuais foi violada no 1º ano da faculdade; 17,8% no 2º ano da faculdade; 23,2% no 3º ano e 24,7% no último ano. 7,4% dos homens heterossexuais foi violado no 1º ano; 11,2% no 2º ano; 12,8% no 3º ano da faculdade e 12,7% no 4º ano.

Tabela 1: Estudos científicos sobre a incidência da violência sexual nos estudantes universitários.

Abbey e McAuslan, realizaram um estudo longitudinal, sendo que o primeiro momento do estudo foi feito em 2001 e o segundo em 2004. Dos 343 estudantes universitários do sexo masculino que participaram no primeiro momento do estudo, apenas 197 participaram no segundo momento. É de referir que 30% dos participantes do primeiro estudo desistiram da faculdade. Os participantes responderam a um questionário que englobava 10

dimensões. A primeira dimensão corresponde à perpetração do assalto sexual, seguida pelo desejo social, crenças hostis sobre o papel de gênero, atitudes insensíveis contra as mulheres, aceitação da pressão verbal, relações anteriores e experiências sexuais consentidas, consumo de álcool, aprovação dos pares sobre sexo forçado, delinquência e por fim foram avaliadas as características do assalto sexual. Nos participantes deste estudo, 14% reporta ter cometido um assalto sexual há pelo menos um ano. Quem não perpetrou este tipo de crime, apresenta menos atitudes hostis sobre as mulheres, menos consumo de álcool nas interações sexuais e baixos atos de delinquência juvenil comparativamente com quem perpetrou assaltos sexuais. Estas descobertas sugerem que os programas preventivos do assalto sexual devem ter como foco as atitudes negativas sobre as mulheres invés de promoverem a empatia e consideração positiva pelas mulheres (Abbey, & McAuslan, 2004).

O segundo estudo sistematizado incluiu 1916 estudantes (535 homens e 1381 mulheres). O questionário aplicado neste estudo abordava temas como a violência sexual, atividades diárias, consumo de álcool e drogas, outras experiências de violência e medidas de auto-proteção. Este estudo demonstra que 6,6% das mulheres apresentam uma maior probabilidade de serem sexualmente assaltadas comparativamente aos homens (3,2%). 87,5% dos homens e 66,7% das mulheres afirma que o perpetrador esteve a consumir álcool no momento do assalto sexual, e 88,2% dos homens e 66,7% das mulheres refere também ter estado a consumir álcool no mesmo momento. No que diz respeito a quem cometeu este tipo de ato, 21,4% dos homens respondeu que uma pessoa desconhecida o assaltou sexualmente comparativamente com 11,6% das mulheres que refere ter sido um desconhecido a perpetrar o assalto sexual. (Hines et al., 2012).

Também em 2012, Mouilso et al., com um total de 319 estudantes universitárias do sexo feminino e a frequentar o 1º ano académico, procuraram avaliar as experiências de assalto sexual bem como o consumo de álcool em três momentos distintos. Foi possível verificar que 28,2% das participantes experienciou assalto sexual, pelo menos, 3 meses antes da recolha de dados, e 19,3% das estudantes refere ter sido sexualmente assaltada pelo menos uma vez durante todo o seu primeiro ano académico.

De relevar também o estudo realizado por Neilson et al. (2015), com 620 estudantes universitárias com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos. O instrumento deste estudo consistia em questões relacionadas com estratégias comportamentais protetoras do assalto

sexual, estratégias comportamentais protetoras do consumo de álcool, abuso sexual em criança, incidência do assalto sexual e severidade e consumo de álcool por semana. 28,2% das participantes afirma ter sofrido assalto sexual antes de entrar na universidade, sendo que 21,6% refere ter sido sexualmente assaltada desde que iniciou o seu percurso académico. De referir que 13% (83) estudantes reportam ter experienciado assalto sexual antes e durante a universidade.

Em 2016, Ford e Soto-Marquez, efetuaram um estudo com 19884 estudantes universitários (6109 homens e 13775 mulheres) com idades entre os 18 e 24 anos, com o objetivo de medir a incidência do assalto sexual nos heterossexuais, gays, lésbicas e bissexuais. 13,3% das mulheres heterossexuais foi violada no 1º ano da faculdade; 17,8% no 2º ano da faculdade; 23,2% no 3º ano e 24,7% no último ano. 7,4% dos homens heterossexuais foi violado no 1º ano; 11,2% no 2º ano; 12,8% no 3º ano da faculdade e 12,7% no 4º ano. No que diz respeito aos homossexuais 23,4% foi violado no 1º ano; 35,4% no 2º ano; 41,6% no 3º ano e 35,7% no último ano. Comparativamente, os participantes que afirmam ter uma orientação bissexual apresenta uma maior probabilidade de sofrer assalto sexual: no 1º ano, 21,3% foi violado; 58,2% no 2º ano; 58,3% no 3º ano e 55,5% no 4º ano.

A problemática deste estudo prende-se com a escassez de investigações sobre o tema no que diz respeito à população universitária portuguesa, sendo de extrema relevância a realização deste mesmo estudo que tem como objetivo principal compreender e analisar a prevalência da violência sexual no contexto académico português. Neste mesmo sentido, o presente estudo tem como questões de investigação as seguintes:

- 1) Qual a incidência da violência sexual no contexto académico português?
- 2) Serão as mulheres, maioritariamente, as vítimas?
- 3) Quem são, predominantemente, os perpetradores?
- 4) Estará a violência física e o consumo de substâncias associado à violência sexual?
- 5) Será que a violência sexual tem consequências a nível escolar para as vítimas?

3. Metodologia

3.1. Objeto de Estudo

Com esta investigação, pretende-se estudar a incidência da violência sexual entre estudantes universitários portugueses. Torna-se de extrema importância informar a sociedade acerca da existência deste fenómeno em Portugal e consequentemente fazer com que, tanto as medidas de prevenção como de intervenção, sejam implementadas com o objetivo de reduzir o número de vítimas de crimes sexuais nos estabelecimentos universitários portugueses.

3.2. Participantes

O presente estudo é constituído por 175 estudantes universitários, não existindo qualquer critério para exclusão. A maioria dos participantes, 80,6% é do sexo feminino (n=141), sendo que 19,4% é do sexo masculino (n=34) (Figura 1), com idades superiores a 17 anos.

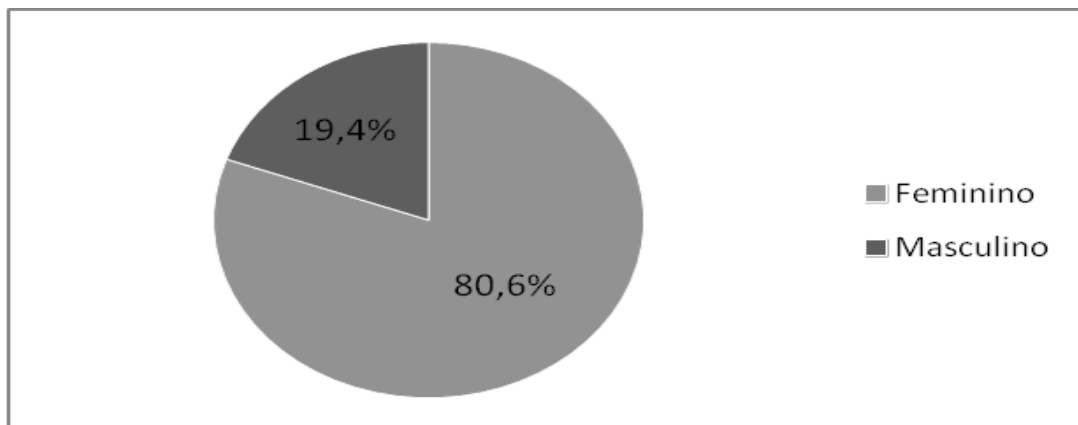


Figura 1: Caracterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição quanto ao sexo.

Em relação à caracterização da amostra pode verificar-se (Tabela 2) que, no que diz respeito à frequência de idades, existe uma maior frequência nos 25 anos ou mais (18,3%; n=32), seguidamente dos participantes com 22 e 23 anos, com 30 participantes com cada uma das idades, que corresponde a 17,1% do total. A menor frequência encontra-se nos participantes com 18 e 19 anos (5 e 12 participantes, respetivamente).

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	18 anos	5	2,9	2,9	2,9
	19 anos	12	6,9	6,9	9,7
	20 anos	25	14,3	14,3	24,0
	21 anos	20	11,4	11,4	35,4
	22 anos	30	17,1	17,1	52,6
	23 anos	30	17,1	17,1	69,7
	24 anos	21	12,0	12,0	81,7
	25 anos ou mais	32	18,3	18,3	100,0
	Total	175	100,0	100,0	

Tabela 2: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face às idades.

No que diz respeito ao ano académico frequentado pelos participantes, 56 dos mesmos frequenta o 5º ano, representado 32% do total, que corresponde à maioria dos participantes. O 1º e 4º ano são os menos representados, com 13 e 34 participantes respetivamente. O 2º e 3º ano apresentam 35 e 37 dos participantes, correspondendo a 20% e 21,1% do total (Tabela 3).

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	1º ano	13	7,4	7,4	7,4
	2º ano	35	20,0	20,0	27,4
	3º ano	37	21,1	21,1	48,6
	4º ano	34	19,4	19,4	68,0
	5º ano	56	32,0	32,0	100,0
	Total	175	100,0	100,0	

Tabela 3: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face ao ano frequentado.

Relativamente à nacionalidade dos inquiridos, 98,3%, isto é, a grande maioria do total de participantes é de nacionalidade portuguesa. Existe ainda um participante brasileiro, um participante luso-canadiano e um norte-coreano, correspondendo a 0,6% dos participantes.

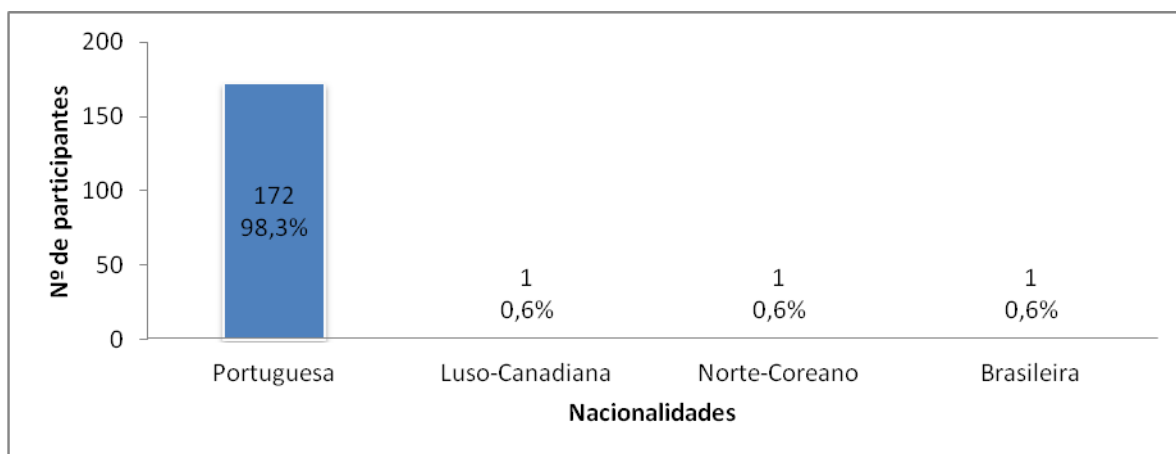


Figura 2: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face à nacionalidade.

Quanto à orientação sexual, a maioria dos participantes (66,3%) dos participantes sente-se unicamente atraído(a) por homens, no entanto, 15,4% revela sentir-se somente atraído(a) por mulheres, 12% sente-se atraído(a) por homens a maior parte das vezes e 3,4% sente-se igualmente atraído(a) por homens e mulheres. A opção “a maior parte das vezes atraído(a) por mulheres” e “não tenho a certeza”, foram selecionadas por 4 e 1 participantes, respetivamente.

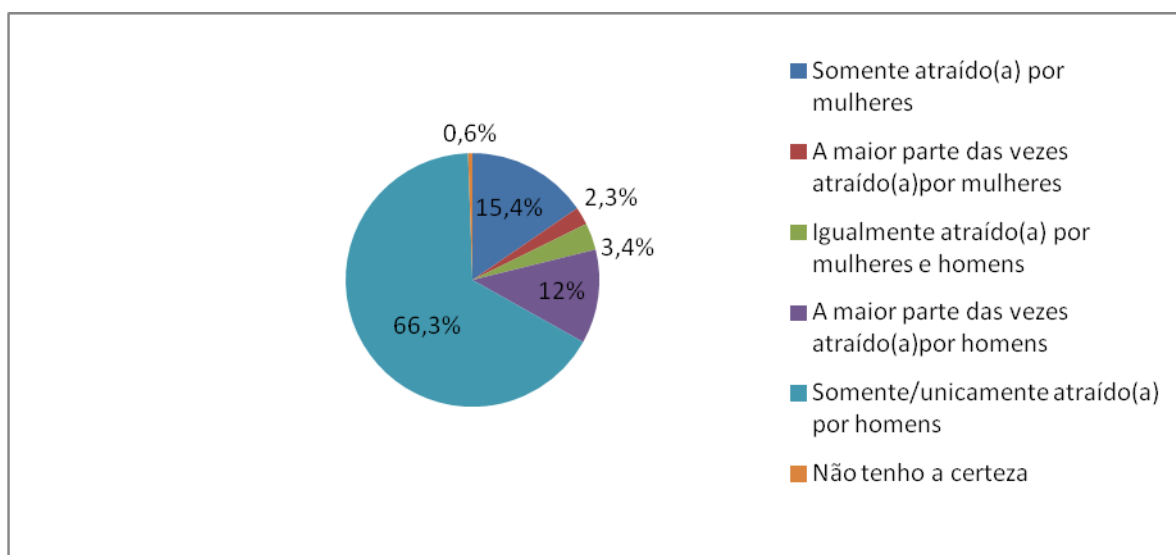


Figura 3: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face à orientação sexual.

No que diz respeito ao estado civil, a maioria dos participantes encontra-se numa relação comprometida, sem viver com o(a) namorado(a) (54,9%), seguido de participantes que responderam não estar a sair com ninguém, neste momento, mas que saíram no início do semestre letivo (16%). 12% dos participantes encontra-se a viver com o seu(sua) companheiro(a), 5,1% está a sair com outra pessoa atualmente. 4% descreve a sua situação amorosa como “engatar alguém” e 3,4% dos participantes descreve que o seu relacionamento é “fazer algo de sexual com alguém sem ter uma relação comprometida”. As minorias encontram-se nas opções “encontro casual sem uma relação comprometida”, “fazer algo sexual com alguém” e “ter uma relação aberta na qual também se encontra com outras pessoas”, tendo 2,3% dos participantes escolhido a primeira opção e 1,1% as outras duas (Tabela 4).

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Válido	Encontro casual sem uma relação comprometida	4	2,3	2,3	2,3
	Engatar alguém	7	4,0	4,0	6,3
	Estar numa relação comprometida com um namorado ou namorada	96	54,9	54,9	61,1
	Fazer algo de sexual com alguém sem ter uma relação comprometida	6	3,4	3,4	64,6
	Fazer algo sexual com alguém	2	1,1	1,1	65,7
	Não estou a sair com ninguém atualmente, mas saí no início do semestre lectivo	28	16,0	16,0	81,7
	Sair com outra pessoa	9	5,1	5,1	86,9
	Ter uma relação aberta na qual também se encontra com outras pessoas	2	1,1	1,1	88,0
	Viver com um namorado ou namorada	21	12,0	12,0	100,0
	Total	175	100,0	100,0	

Tabela 4: Caraterização dos participantes na investigação em termos da sua distribuição face ao estado civil.

3.3. Delineamento do Estudo

A presente investigação apresenta um estudo descritivo, pois tem como objetivo conhecer características específicas da temática a abordar (Marôco & Bispo, 2005). O tipo de amostra utilizada é independente, não-aleatória, obtida através de um processo de amostragem por conveniência. No caso da presente investigação, refere-se a estudantes universitários portugueses.

3.4. Procedimento

O questionário foi aplicado em formato *online* através do software “*Google Drive*”. Esta via foi escolhida de forma a assegurar o anonimato dos participantes, mas também para proteger a veracidade das respostas, pois é mais possível que os participantes respondam verdadeiramente, sem um investigador à sua frente. A divulgação do questionário foi realizada através de colegas e pelas redes sociais, pedindo que a mesma fosse divulgada pelas redes de contactos dos participantes.

Após a recolha dos dados, estes foram analisados estatisticamente com recurso à ferramenta *Statistical Package for the Social Science* (SPSS).

3.5. Instrumento

O instrumento deste estudo consiste num questionário *online* com 198 questões, que tem como objetivo medir a violência e a agressão perpetrada ou sofrida pelos participantes. Posteriormente, este questionário foi adaptado ao tema em questão, resultando numa versão reduzida com 38 questões. O questionário original “*Violence Prevention Survey*” foi criado por Coker, A. L., Fisher, B. S., Bush, H. M., Swan, S. C., Williams, C. M., Clear, E. R., DeGue, S., (2014) para o estudo “*Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses*”, tendo sido adaptado à população portuguesa por Gama, Vargas-Moniz e Ornelas, em 2015.

O questionário divide-se em quatro partes. A primeira corresponde a questões sociodemográficas, tais como: idade, ano que frequenta, nacionalidade, atração sexual e estado civil atual. A segunda parte do instrumento consiste em questões relativas às diferentes formas de violência sofrida ou perpetrada, sendo estas: sexo forçado ou não desejado; assédio

sexual; perseguição (*stalking*) e violência física e psicológica no namoro. A terceira parte diz respeito à implementação de programas de prevenção da violência, e a quarta e última parte contempla questões sobre a situação habitacional do participante, atividades de lazer. No que diz respeito a este estudo, apenas foram utilizadas as questões demográficas e as questões relacionadas com a frequência da violência sexual sofrida.

4. Análise de Resultados

4.1. Dados Descritivos

Dos 175 inquiridos que participaram no presente estudo, 141 dos participantes são do sexo feminino (80,6%) e 34 são do sexo masculino (19,4%), com idades a partir dos 17 anos. Cerca de 98,3% dos participantes são de nacionalidade portuguesa, 66,3% descreve-se como estando somente atraída por homens, e 54,9% encontra-se numa relação comprometida com o namorado/namorada.

4.2. Ocorrência da Violência Sexual

No questionário utilizado no presente estudo, existem três questões que permitem avaliar qual a ocorrência da violência sexual, particularizando cada uma delas uma razão específica pela qual a vítima terá experienciado alguma relação sexual não consentida.

Através da questão “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?”, é possível verificar que 5,14% dos participantes esteve envolvido em relações sexuais não consentidas por esta razão, contudo não desde o início do ano letivo anterior. 2,86% dos participantes afirma ter tido relações sexuais não consentidas uma vez, e cerca de 1,71% dos inquiridos experienciou uma relação sexual não consentida três a cinco vezes. Com a ocorrência de “duas vezes” e “seis a nove vezes”, os valores são de 1,14%.

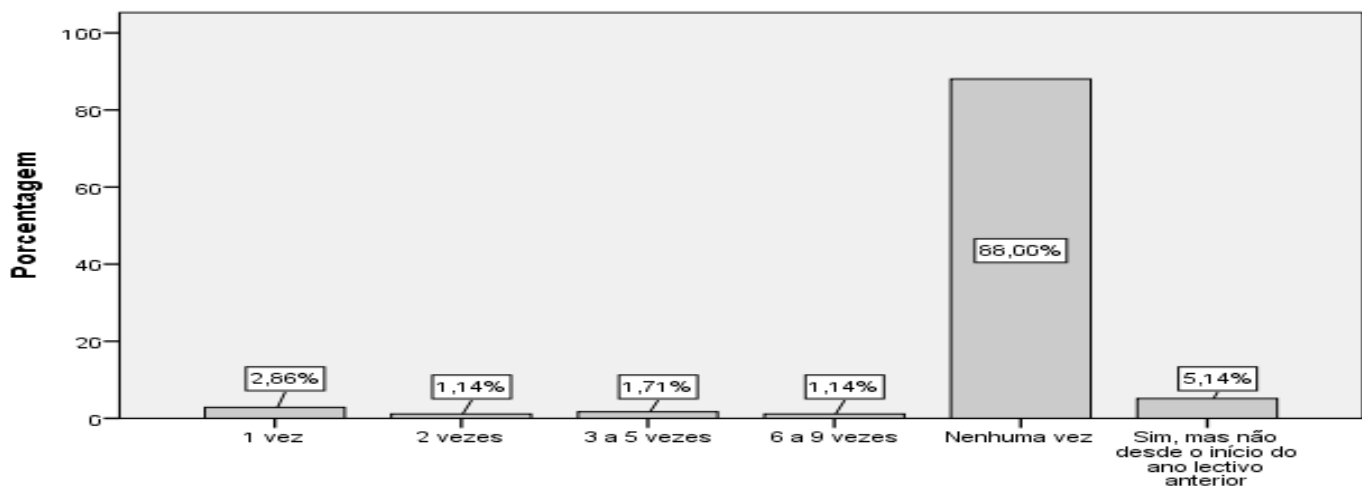


Figura 4: Percentagem de respostas à questão 1: “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?”

No que diz respeito à questão “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?”, podemos verificar que 2,86% dos participantes respondeu já ter tido relações sexuais não consentidas por estar sob a influência de álcool ou drogas, mas não desde o início do ano letivo anterior. A ocorrência de “duas vezes” e “dez ou mais vezes”, foi selecionada por um participante para cada uma das opções, correspondendo a 0,57%. A opção “três a cinco vezes” obteve 1,14% das respostas dadas pelos participantes.

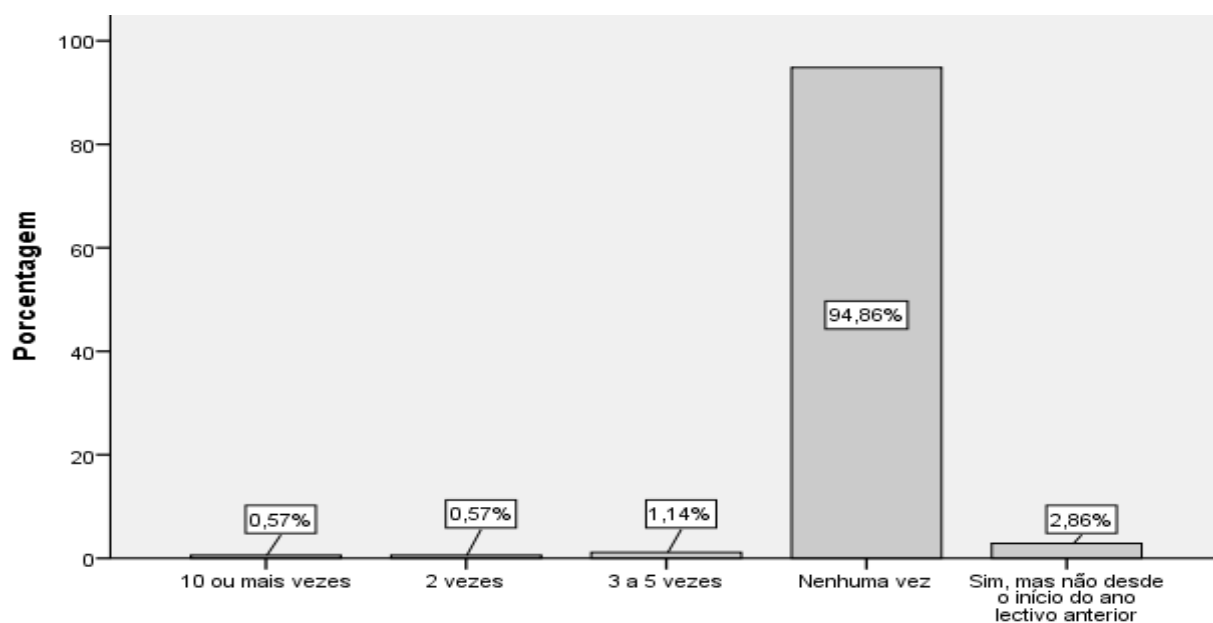


Figura 5: Percentagem de respostas à questão 2: “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?”

Relativamente à questão “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?”, verifica-se na fig. 6 que apesar da maioria 94,86% nunca ter experienciado este tipo de atividade sexual, 1,71% já teve uma relação sexual não desejada devido ao recurso à força física uma vez. 2,86% dos participantes teve relações sexuais não consentidas porque a outra pessoa usou força física, mas não desde o início do ano letivo anterior. Cerca de 0,57% afirma já ter experienciado este tipo de situação duas vezes.

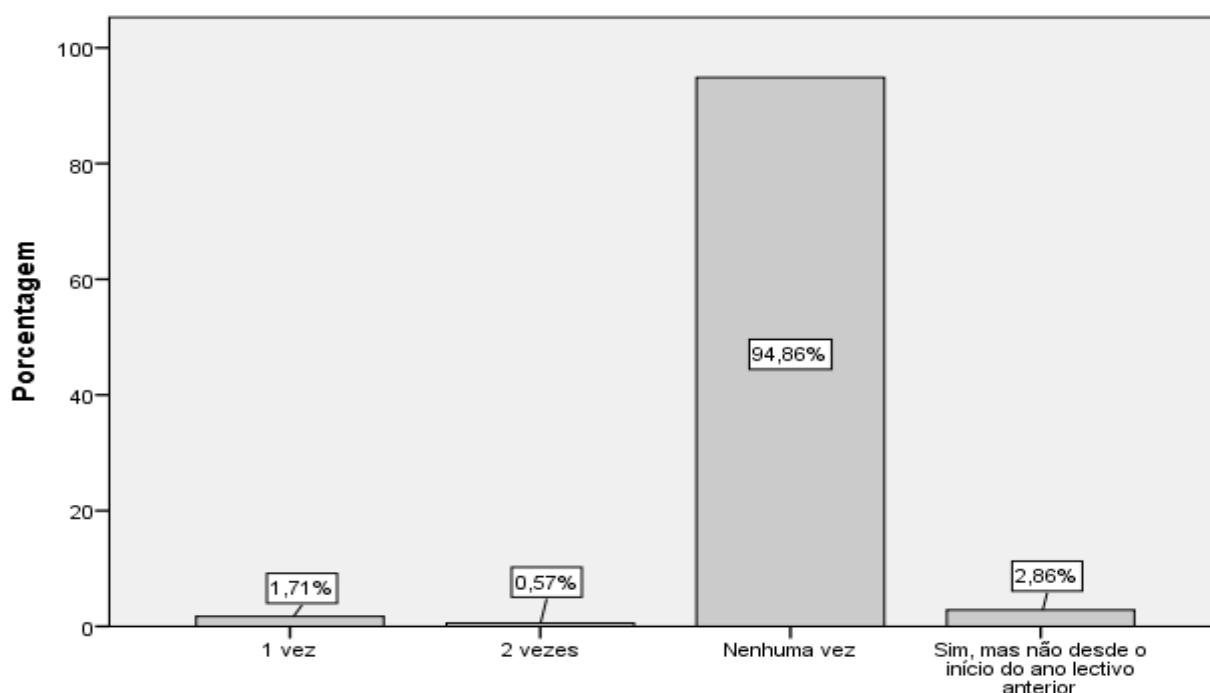


Figura 6: Percentagem de respostas à questão 3: “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?”

Na figura 7, é possível observar qual o género dominante relativamente às vítimas. 90,48% das participantes do sexo feminino afirma ter estado envolvida em relações sexuais não consentidas devido à insistência por parte da outra pessoa envolvida, e cerca de 9,52% dos participantes do sexo masculino refere ter experienciado a mesma situação. No que se refere a atividades sexuais não consentidas devido ao excessivo consumo de álcool, 77,78% das estudantes femininas afirmam ter sido esta a razão da sua atividade sexual não consentida, enquanto 22,22% dos homens respondeu ter sido também esta a razão. Relativamente à questão das relações sexuais não consentidas terem ocorrido devido ao uso de força física,

66,67% das participantes femininas e 33,33% dos participantes masculinos refere ter sido vítima de atividades sexuais não consentidas porque a outra pessoa recorreu à força física.

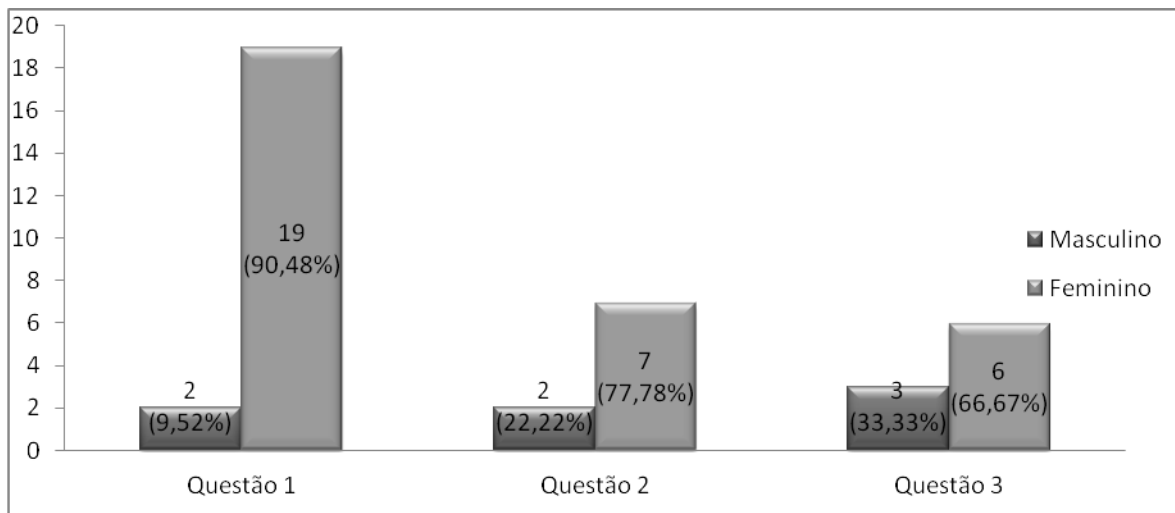


Figura 7: Percentagem de respostas à questão 1, 2 e 3, comparando o sexo dos participantes.

4.3. Relação com o perpetrador

Após as questões anteriormente apresentadas, surgia a questão “Quem fez isso?”, para que fosse possível avaliar a relação da vítima com o perpetrador. Nesse sentido, serão apresentados os resultados que dizem respeito ao perpetrador da violência sexual mediante as três questões distintas que foram apresentadas na anterior secção dos resultados do presente estudo.

Neste sentido, e relativamente à questão “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?”, 42,9% dos participantes afirma ter sido o(a) seu/sua parceiro(a) anterior, e 23,8% respondeu que foi o(a) seu/sua parceiro(a) atual. Tanto a opção um(a) amigo(a) e um(a) conhecido(a), obtiveram 14,3% das respostas dadas pelos inquiridos. 4,7% dos participantes afirma que o seu perpetrador foi um(a) estranho(a). A opção “Não sei quem o possa ter feito” não foi escolhida por nenhum dos participantes. Através destes resultados, é-nos possível afirmar que 95,5% dos perpetrados que recorreram a ameaças de acabar com a relação são pessoas conhecidas (e íntimas) da vítima.

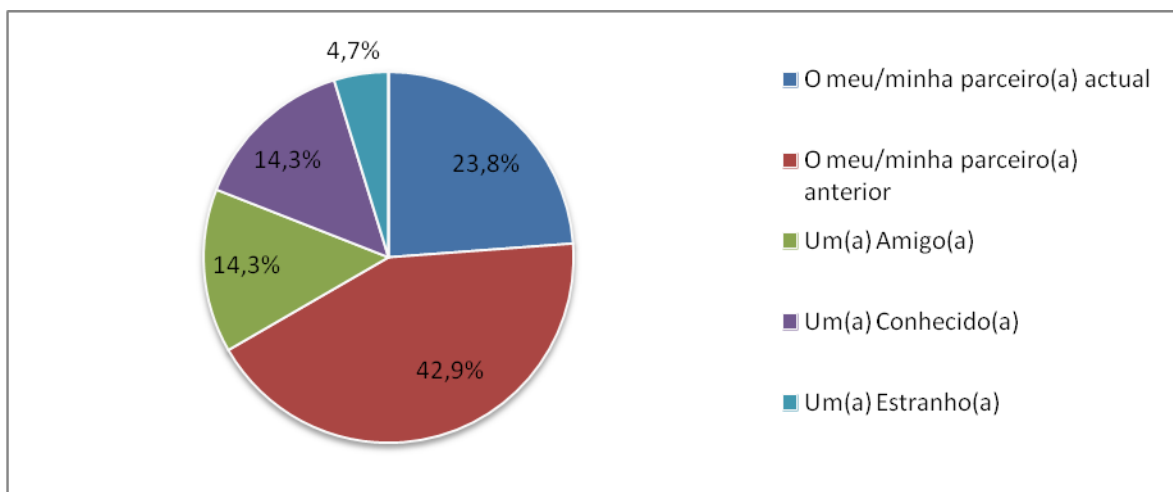


Figura 8: Percentagem de respostas sobre a relação com o perpetrador, relativamente à questão 1.

No que diz respeito à questão “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?”, 44,4% dos participantes responderam que teria sido um(a) amigo(a), 44,4% responderam que teria sido um(a) conhecido(a), 11,2% dos inquiridos responderam que foi um estranho. Isto perfaz uma percentagem total de 88,8% de agressores que conhecidos da vítima, o que significa que mais de metade dos perpetradores são conhecidos das vítimas. (Fig. 9)

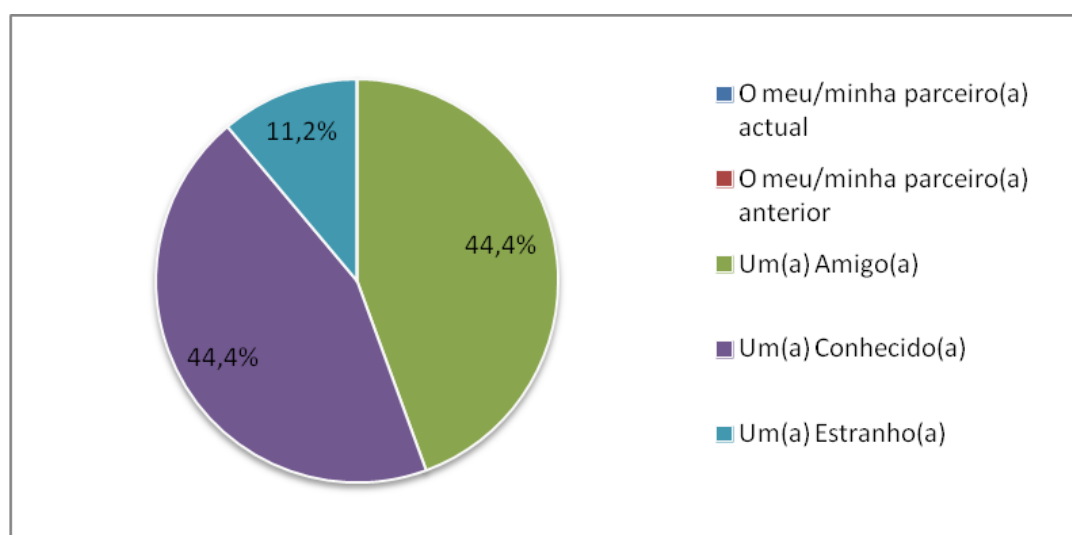


Figura 9: Percentagem de respostas sobre a relação com o perpetrador, relativamente à questão 2.

No que concerne à questão “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?”, quando questionados, 55,6% dos participantes responderam que foi o(a) seu/sua parceiro(a) anterior. 22,2% dos inquiridos afirma ter sido um(a) amigo(a) a perpetrar a atividade sexual não desejada recorrendo à força física, também 22,2% refere que este tipo de atividade não consentida foi perpetrada por um(a) conhecido(a).

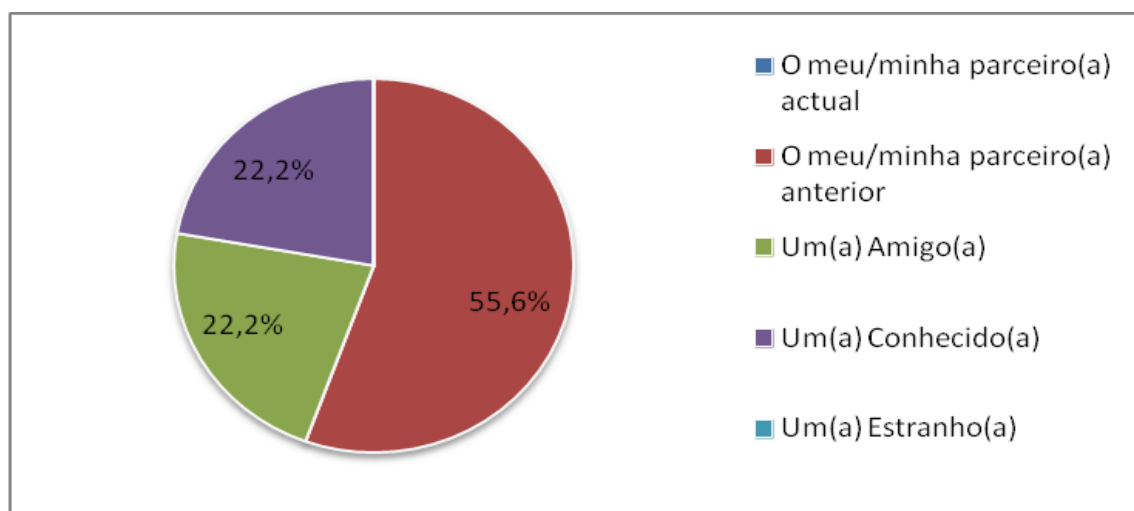


Figura 10: Percentagem de respostas sobre a relação com o perpetrador, relativamente à questão 3.

4.4. O género do perpetrador

Esta secção dos resultados tem como objetivo identificar quais os participantes envolvidos no estudo que reportam já ter experienciado atividades sexuais não consentidas enquanto perpetradores deste mesmo ato.

No que diz respeito à questão “Teve relações sexuais indesejadas com pessoas que não queriam por estarem sob o efeito de drogas ou álcool?”, apenas dois dos participantes afirmam já terem tido relações sexuais indesejadas com pessoas que não o queriam por terem consumido drogas ou álcool. Estes dois participantes, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, apenas diferem no número de vezes que perpetraram este tipo de ato, como verificado na figura 11.

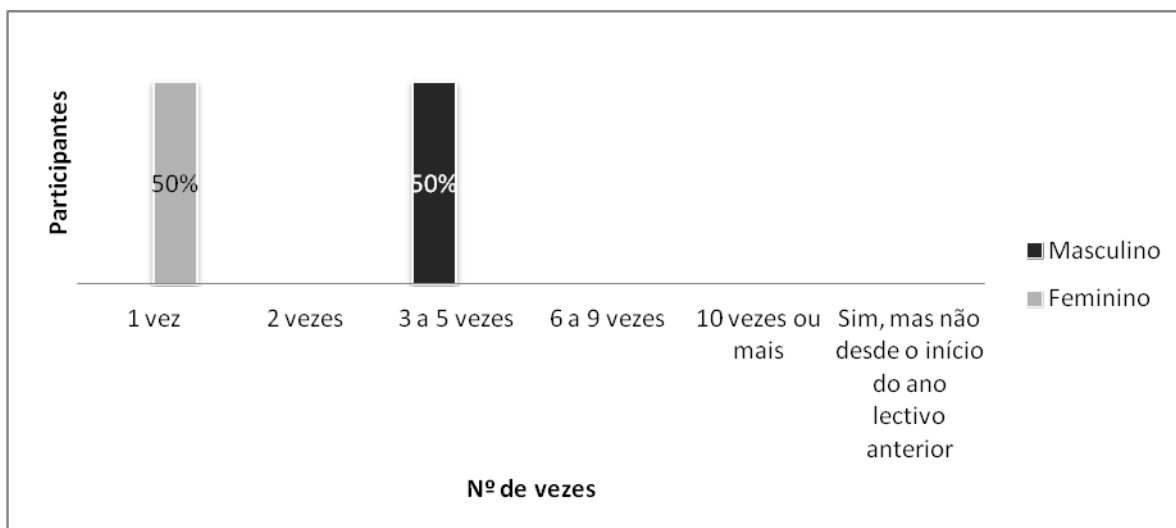


Figura 11: Percentagem de respostas comparando géneros, relativamente à questão “Teve relações sexuais indesejadas com pessoas que não queriam por estarem sob o efeito de drogas ou álcool?”

Por fim, e relativamente à questão “Teve relações sexuais com pessoas que não queriam porque as ameaçou de usar ou usou força física (torcendo-lhes os braços, atirando para o chão, etc)?”, dois dos inquiridos afirma já ter recorrido à força física com o objetivo de ter relações sexuais. Os dois participantes são ambos do sexo masculino, sendo que um confirma ter usado força física uma vez, enquanto o outro participante usou duas vezes este tipo de força.



Figura 12: Percentagem de respostas comparando géneros, relativamente à questão “Teve relações sexuais com pessoas que não queriam porque as ameaçou de usar ou usou força física (torcendo-lhes os braços, atirando para o chão, etc)?”

4.5. Consumo de álcool ou drogas e violência física

Este tópico dos resultados pretende analisar a existência de consumos de álcool ou drogas bem como a ocorrência de violência física durante atividades sexuais não consentidas.

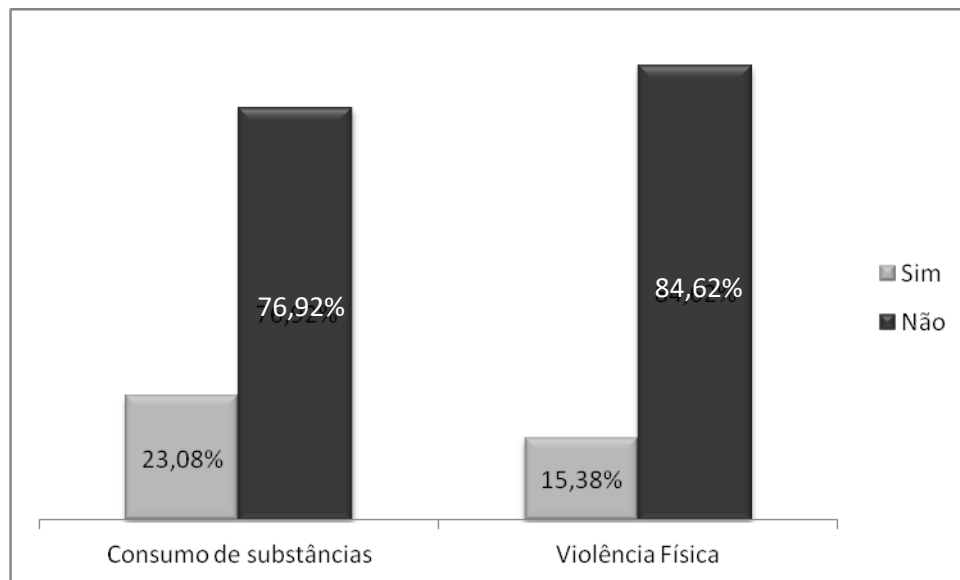


Figura 13: Percentagem de respostas relativamente ao consumo de álcool e/ou drogas bem como o recurso à violência física.

A partir da figura 13 verificamos que a maioria dos inquiridos não se encontrava sob o efeito de álcool e/ou drogas quando a atividade sexual não consentida, tendo-se apenas verificado que 23,08% afirmam ter consumido álcool e/ou drogas antes da atividade sexual não consentida. No que diz respeito ao uso da violência física, 15,38% dos inquiridos afirmam que o perpetrador recorreu à violência física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.) com o objetivo de forçar a vítima a ter relações contra a sua vontade.

Com a figura 14, é possível analisar quantos participantes tinham conhecimento ou suspeitavam que alguém tinha colocado droga na sua bebida sem o seu consentimento. 90,86% afirma não ter conhecimento sobre essa situação ter acontecido, contudo 6,29% dos participantes refere que isso aconteceu uma vez e 1,14% afirma ter acontecido duas vezes. 1,71% refere que alguém colocou droga na sua bebida, no entanto, não aconteceu desde o início do ano letivo.

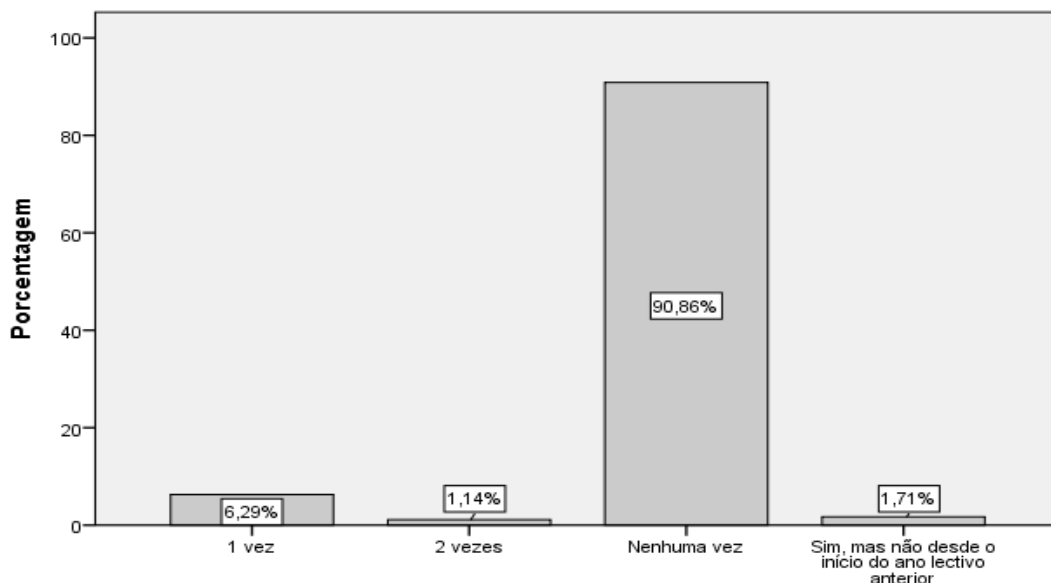


Figura 14: Percentagem de resposta à questão: “Quantas vezes soube ou suspeitou que alguém tinha colocado droga(s) na bebida sem ter conhecimento?”

A figura 15 permite-nos analisar se os participantes já colocaram ou conhecem quem tenha colocado droga na bebida de outra pessoa de propósito. 91,43% dos participantes afirmaram nunca ter colocado drogas na bebida de outra pessoa sem o seu conhecimento, ou conhecido alguém que o tenha feito. 2,29% refere ter colocado ou conhece quem tenha colocado drogas na bebida de outra pessoa uma vez, 1,14% respondeu que já fez ou conhece o descrito na questão 3 a 5 vezes. 5,14% relata ter posto drogas ou conhece quem o tenha feito mas não desde o início do ano letivo.

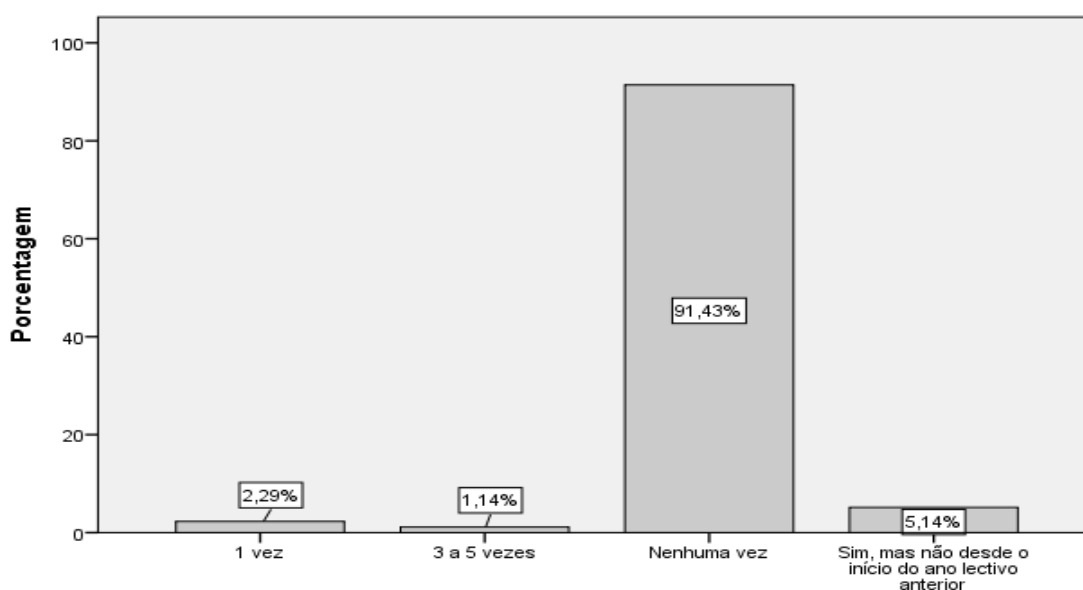


Figura 15: Percentagem de resposta à questão: “Alguma vez colocou ou conhece alguém que tenha colocado drogas na bebida de outra pessoa de propósito?”

4.6. Ocorrência de consequências ao nível académico

De acordo com a literatura e em particular neste grupo de participantes, as consequências ao nível académico ocorrem. Para analisar a ocorrência de consequências académicas, foram realizadas duas questões com esse objetivo, dos quais, apenas quem sofreu um ato de violência sexual respondeu.

Através da questão “As notas/classificação pioraram em resultado ou consequência de relações sexuais não consentidas?”, 7 dos participantes, que perfazem uma percentagem de 23,3% afirmam que as suas notas pioraram após terem sofrido relações sexuais não consentidas. Para a questão “Alguma vez faltou à escola/emprego em consequência de ter tido relações sexuais não-consentidas?”, apenas 10% respondeu afirmativamente a esta questão (fig.16).

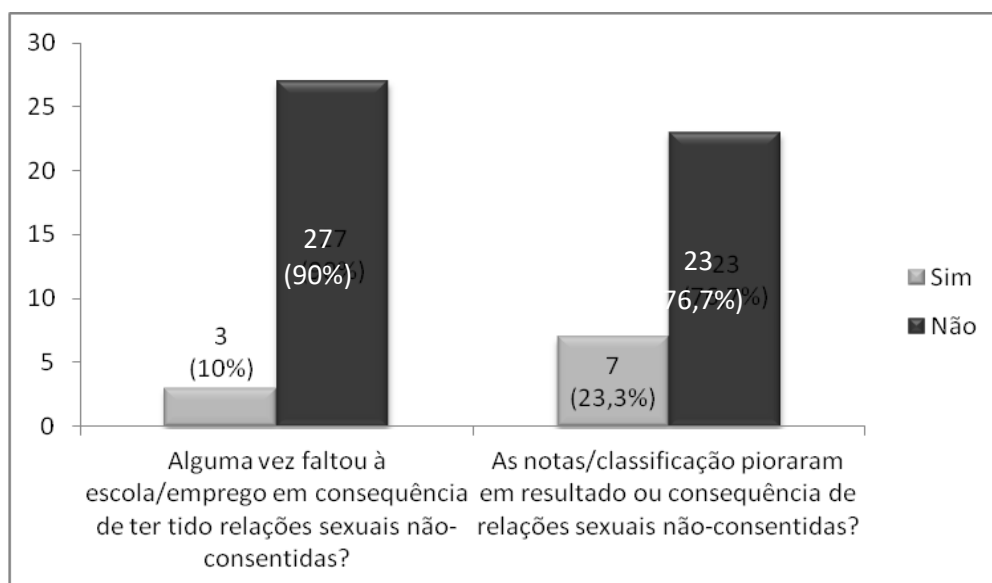


Figura 16: Percentagem de respostas relativamente às questões “Alguma vez faltou à escola/emprego em consequência de ter tido relações sexuais não consentidas?” e “As notas/classificação pioraram em resultado ou consequência de relações sexuais não-consentidas?”

4.7. Prevenção da violência sexual

Relativamente a este tema, existia uma questão que procurava saber se os participantes alguma vez tinham assistido a uma apresentação sobre a prevenção da violência sexual. De forma a ajudar a compreender se a informação sobre a violência sexual tem impacto na perpetração deste ato, foram elaboradas duas figuras, uma para o total de participantes (figura 17) e outra, apenas para os participantes que sofreram de violência sexual (figura 18).

A partir da figura 17, observamos que a maioria dos participantes nunca esteve numa apresentação de prevenção de violência sexual. 14,3% dos inquiridos afirmam ter tido apenas uma apresentação sobre a temática e 8,6% dos estudantes refere ter assistido a duas ou mais apresentações sobre violência sexual. Do total de participantes, 2,9% respondeu ter tido duas palestras sobre o tema.

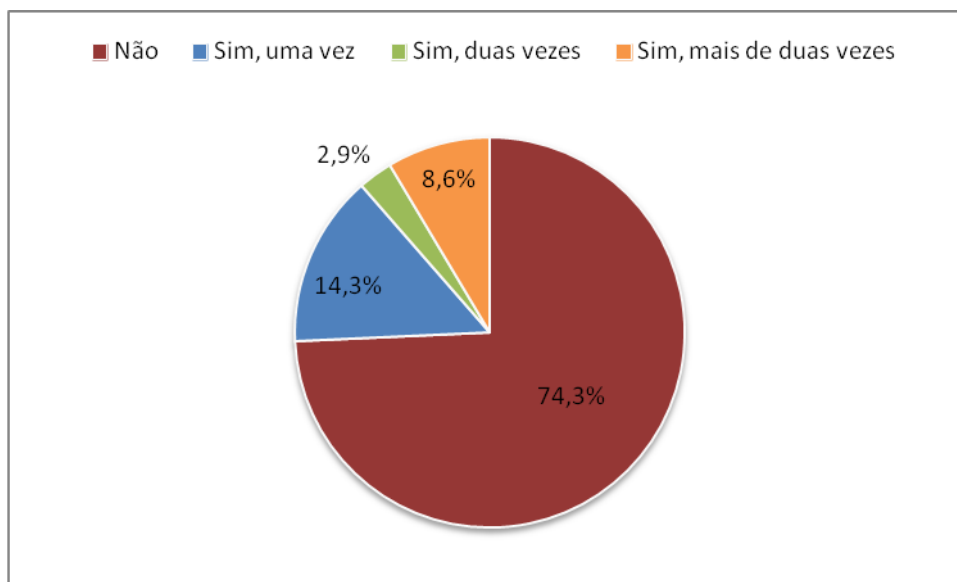


Figura 17: Percentagem de respostas à pergunta sobre apresentações de prevenção da violência sexual no total de participantes.

No que diz respeito aos participantes que experienciaram violência sexual, e igualmente como aconteceu no total de participantes, a maioria (77,68%) nunca assistiu a apresentações sobre prevenção de violência sexual. Apenas 10% esteve presente numa apresentação sobre a temática, e as opções “duas vezes” e “mais de duas vezes” obtiveram 6,66% dos resultados.

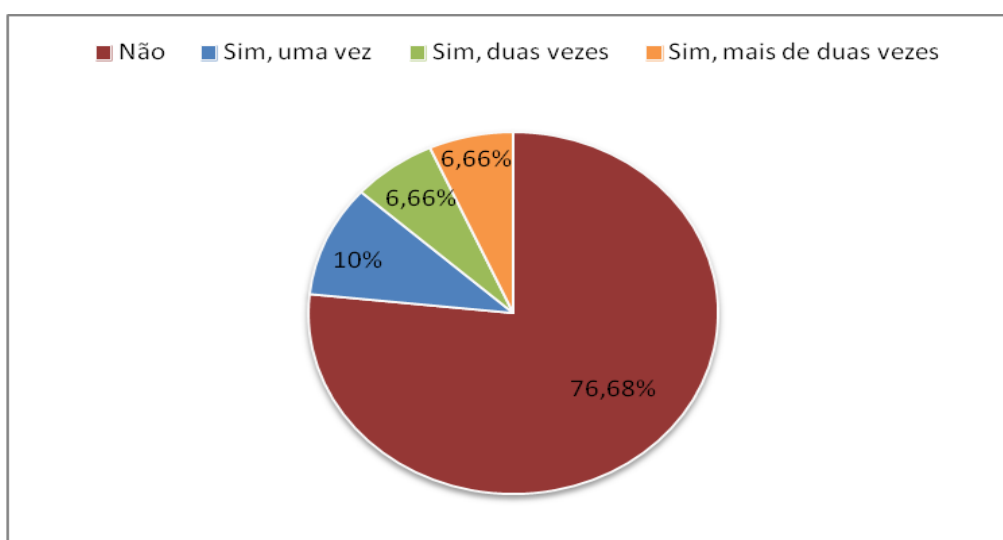


Figura 18: Percentagem de respostas à pergunta sobre apresentações de prevenção da violência sexual nos participantes que sofreram violência sexual.

5. Discussão

A presente investigação teve com objetivo estudar a incidência bem como a caracterização da violência sexual no contexto académico em Portugal.

Neste sentido, e no que diz respeito à primeira questão de investigação deste estudo (Qual a incidência da violência sexual no contexto académico português), podemos observar através dos dados obtidos que 11,99% dos participantes no presente estudo estiveram envolvidos em relações sexuais não consentidas com alguém por ter sido exercida pressão psicológica ou ameaças da outra pessoa; 5,14% afirma ter tido atividades sexuais não consentidas devido ao uso de força física e 5,14% responde que as atividades sexuais se deveram ao consumo de álcool ou drogas.

De salientar que, em 2004, foi realizado um estudo a nível nacional que pretendia avaliar o abuso nas relações íntimas em jovens adultos. A partir deste estudo, Paiva e Figueiredo, estabeleceram que a agressão psicológica era a mais prevalente (53,8%). Também Costa e Sani (2007) concluíram que 69% da sua amostra sofreu agressão psicológica por parte da outra pessoa com o objetivo de manter relações sexuais não consentidas.

Um estudo conduzido por Kuffell e Katz (2002), 28% dos participantes afirmam ter utilizado força física a fim de ter atividades sexuais não consentidas, contudo cerca de 35% relata ter sido alvo de violência física com esse propósito. O consumo de álcool desempenha um papel crucial na perpetração de violência sexual. Em 1989, Koss e Dinero, constataram 74% dos perpetradores e 55% das vítimas de violação relatavam ter bebido álcool antes do incidente abusivo.

A segunda e terceira questão de investigação pretendiam analisar se as mulheres são, maioritariamente as vítimas, e compreender quem são, predominantemente os perpetradores. No que concerne à segunda questão, dos participantes que relatam ter sofrido atividades sexuais na sequência de pressão psicológica por parte de outra pessoa, 90,48% são mulheres e 9,52% são homens. Relativamente a atividades sexuais não consentidas devido ao consumo de álcool e/ou drogas, 77,78% das mulheres e 22,22% dos homens relatam ter experienciado esta situação. Por fim, 66,67% das mulheres e 33,33% dos homens refere que as relações sexuais não consentidas se deveu ao facto da outra pessoa ter recorrido à força física. De um

modo geral, é possível observar que as mulheres são maioritariamente as vítimas, o que vai ao encontro do que já foi referenciado ao longo da presente investigação.

A terceira questão, como referido anteriormente, pretendia analisar quem são, predominantemente, os perpetradores. Através dos resultados obtidos, 36% dos participantes afirma que a atividade sexual não consentida foi perpetrada pelo parceiro anterior, tendo 13% referido que foi o seu atual parceiro. 23% relata que a situação descrita foi perpetrada por um amigo, tendo a opção “um conhecido” obtido a mesma percentagem, mostrando que a maioria destes atos é perpetrada por conhecidos da vítima. Apenas 5% refere que quem perpetrou a relação sexual não consentida foi um desconhecido.

Também Abbey, Ross, McDuffie, e McAuslan (1996), verificaram que os perpetradores são maioritariamente conhecidos da vítima. Estes autores verificaram que 95% das agressões sexuais entre estudantes universitários era perpetrada por um conhecido da vítima e que os companheiros amorosos tendiam a ser os perpetradores mais frequentes de violência sexual. Mais recentemente, em 2006, Gross e colaboradores concluíram que 41% dos perpetradores é identificado pelas vítimas como sendo seu namorado, 29% como seu amigo e 21% como seu conhecido. Ambos os estudos vêm confirmar a questão de investigação.

O facto da maioria dos atos de violência sexual serem perpetradas por atuais ou anteriores companheiros das vítimas, mostra-nos que muitos estudantes universitários portugueses experienciaram, ou experienciam ainda, relações amorosas de carácter abusivo. Esta perspetiva contradiz a ideia dos Mitos da Violação, abordados anteriormente, que o perpetrador é aquela pessoa desconhecida que se esconde na escuridão e ataca a sua vítima. Diversos estudos contradizem essa ideia, provando que, o perpetrador é, maioritariamente conhecido da vítima, sendo seu parceiro, colega de turma ou amigo.

Já em 1988, Koss (cit. por Mohler-Kuo et al., 2004) analisou a relação entre o consumo de álcool e a violência sexual, e verificou que 74% dos perpetradores e 55% das vítimas estavam sob o efeito de álcool e/ou drogas, ora, e contrariamente ao que este estudo nos diz, os resultados desta investigação mostram que apenas 23,08% da violência sexual relatada pelos inquiridos deveu-se ao facto de estarem sob o efeito de álcool e/ou drogas, o que comparativamente ao estudo, corresponde a menos de metade do total de participantes.

Contudo, um estudo realizado mais tarde, em 2007, refere que 20-55% das vítimas encontravam-se sob o consumo de álcool e/ou drogas, enquanto 63-74% dos perpetradores estavam também sob o efeito de álcool e/ou drogas (Krebs, Lindquist, Fisher, & Martin, 2007). Os resultados obtidos na investigação vão mais ao encontro deste estudo internacional.

Sendo também uma estratégia de coerção como o álcool, 8,57% dos estudantes envolvidos no presente estudo, relata que já colocou ou conhece quem tenha colocado droga na bebida de outra pessoa de propósito. No sentido dos resultados obtidos, Kosson, Kelly e White (1997) verificaram que 21% dos seus participantes, estudantes universitários, afirmou ter usado intencionalmente álcool ou outras drogas como estratégia de coerção para a manutenção de atividades sexuais.

De extrema importância são as consequências vividas pelas vítimas de violência sexual. Estas consequências têm um grande impacto na vida das vítimas, seja ao nível psicológico ou académico. Através da investigação foi possível observar que apenas 10% das vítimas refere ter faltado às aulas/trabalho em consequência de relações sexuais não consentidas, e 23,3% relata que as atividades sexuais não consentidas tiveram um impacto negativo nas suas classificações. Lindquist, et al. (2013), num estudo com 438 estudantes universitárias, verificaram que 11,9% desistiu da cadeira, 7,6% pediu transferência para outra faculdade e 13,8% mudou de casa. Com estes resultados, podemos inferir que 19,5% das vítimas era próxima, possivelmente, do seu perpetrador, podendo este ser um colega de turma, o que vai ao encontro com o referido anteriormente.

O fenómeno da violência sexual nos estudantes universitários está bem presente em Portugal, sendo necessário divulgar este tema, não apenas nos institutos universitários mas também nas escolas secundárias, de forma a informar as camadas mais jovens, prevenindo a propagação da violência sexual. Este fator torna-se crucial, pois 74,3% do total dos participantes nunca assistiu a uma apresentação sobre a violência sexual. Olhando de forma mais detalhada para os participantes que relatam ter experienciado atividades sexuais não consentidas, 76,68% afirma não ter assistido a nenhuma conferência sobre essa temática. Estes dados são preocupantes, pois a divulgação de informação pode ser vista como sendo uma medida de prevenção mas também como estratégia de acção após a ocorrência de um ato de violência sexual, informando quais as características da violência sexual para que a vítima consiga compreender se o que experienciou constitui ou não, um crime, bem como a

divulgação de informação sobre os procedimentos de denúncia (Schwartz, McMahon, & Broadnax, 2015).

Compreender no que consiste a violência sexual é o fator chave para as denúncias. É habitual as vítimas não saberem se o que aconteceu com elas foi um crime ou se foi grave o suficiente para reportar (Kilpatrick et al., 2007). Sentir vergonha e medo, culpabilizar-se pelo que aconteceu, ou sentir que a polícia não vai acreditar nelas, são algumas das razões pelas quais as vítimas não denunciam (Sabina & Ho, 2014; The Hunting Ground, 2015). A relação com o perpetrador, é outro dos motivos pelos quais as vítimas não fazem queixa, pois, na sua grande maioria, o perpetrador é alguém próximo da mesma, podendo ser um parceiro ou colega (Krebs et al., 2007). Não acreditar e culpabilizar a vítima, ocorre mais frequentemente do que possamos imaginar. Consumo de álcool ou drogas, a localização onde ocorreu o ato, a forma como se vestem ou até mesmo a relação que tinham com o perpetrador, são alguns dos motivos pelos quais é posto em causa o que a vítima relata, relativamente ao que aconteceu (Cohn, Zinzow, Resnick & Kilpatrick, 2013).

6. Considerações Finais

O principal objetivo deste estudo centrava-se em analisar a incidência de violência sexual nos estudantes universitários portugueses, compreendendo quais as limitações e consequências, a fim de verificar a sua representação em Portugal, e consciencializar a sociedade para a existência deste problema, o que recentemente tem vindo a acontecer.

A violência, seja de que tipo for, cometida por homens ou por mulheres é claramente inaceitável, independentemente do contexto em que ocorra.

Contudo, a violência sexual nos universitários é um problema ao nível mundial, e não existe apenas nos países que são vistos como tendo menos estratégias para conseguir combater este problema. Deste modo, é indispensável estudar mais aprofundadamente este tema e iniciar a implementação de medidas, não só legislativas mas também educativas com o objetivo de reduzir, ou até mesmo, evitar a difusão deste fenómeno. Tendo em conta que toda a violência, em concreto a sexual, resulta da desvalorização dos direitos da outra pessoa, é fundamental que o assunto seja abordado o mais cedo possível nas escolas, ensinando as crianças a lidar com a rejeição, explicando o que é adequado ou não fazer a outra pessoa.

Neste sentido, a estratégia que se tem verificado como sendo mais eficaz na diminuição da perpetração da violência sexual, incide na criação de programas que ensinam aos estudantes a reconhecer e como agir perante situações de violência sexual, o que seria importante ver implementado nos estabelecimentos universitários portugueses. Como medida preventiva, também as campanhas de sensibilização são importantes, pois mostram às vítimas deste tipo de crime que a culpa não é delas, mas sim de quem as atacou sexualmente, e que é importante denunciar o que aconteceu. No entanto, as campanhas deveriam também ajudar a sensibilizar a sociedade, pois a crença de que a culpa é da vítima porque estava alcoolizada ou se comportava de forma promiscua, encontra-se fortemente enraizada.

O preferencial seria que a prevenção fosse centrada no perpetrador, de forma a evitar que mais situações de violência sexual acontecessem, em vez de ser focada na vítima e na forma em como ela poderia evitar o seu envolvimento numa situação de violência sexual. Enquanto não existir a mudança no foco da prevenção, o medo de sair à rua durante a noite, ou o receio de vestir determinada roupa, irá persistir.

Limitações

A primeira limitação diz respeito ao facto do tema abordado neste estudo, ter sido ainda pouco estudado em Portugal. Para além de não conseguir obter literatura suficiente sobre este assunto referente a Portugal, este facto faz com que a sociedade portuguesa não esteja suficientemente consciencializada para o problema em questão.

Outra limitação encontrada foi o facto de o instrumento ter sido colocado forma *online*, o que limitou a amostra às pessoas utilizadoras de Internet. Contudo, e sendo os estudantes universitários, na sua grande maioria, jovens e utilizadores de Internet, julgo que os inquiridos são representativos. A internet também atuou como um meio facilitador, uma vez que este tema pode ser considerado um pouco desconfortável para as pessoas abordarem pessoalmente, e o facto de o instrumento se encontrar *online* fez com que possivelmente, muitas pessoas respondessem de forma sincera.

Estudos futuros

Devido à necessidade de conscientizar a sociedade para o fenômeno em causa, bem como a importância de evitar a difusão da violência sexual nos estudantes universitários, recomenda-se que seja realizada investigação aprofundada no âmbito da implementação de programas de prevenção, seja no ensino secundário (pois são estes os jovens que irão ingressar no ensino superior) como no ensino superior (com o objetivo de reduzir a ocorrência de violência sexual).

Independentemente das limitações encontradas neste estudo, os resultados encontrados na presente investigação vão de encontro à literatura existente sobre a temática abordada, o que vir a ser útil para promover debates sobre este problema e sugerir áreas nas quais os estabelecimentos universitários poderão intervir com o objetivo de prevenir ou reduzir a violência sexual nos estudantes.

7. Referências Bibliográficas

- Abbey, A. (2002). Alcohol-Related Sexual Assault: A Common Problem Among College Students. *Journal of Studies on Alcohol, 14*, 118-128.
- Abbey, A. (2011). Alcohol's role in sexual violence perpetration: Theoretical explanations, existing evidence and future directions. *Drug and Alcohol Review, 30*, 481-489.
- Abbey, A., Ross, L., McDuffie, D., & McAuslan, P. (1996). Alcohol and dating risk factors for sexual assault among college women. *Psychology of Women Quarterly, 20*, 147-169.
- Abbey, A., & McAuslan, P. (2004). A Longitudinal Examination of Male College Students' Perpetration of Sexual Assault. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 72*(5), 747-756.
- Aronowitz, T., Lambert, C. A., & Davidoff, S. (2012). The Role of Rape Myth Acceptance in the Social Norms Regarding Sexual Behavior among College Students. *Journal of Community Health Nursing, 29*, 173-182.
- Bannon, R. S., Brosi, M. W., & Foubert, J. D. (2013). Sorority Women's and Fraternity Men's Rape Myth Acceptance and Bystander Intervention Attitudes. *Journal of Student Affairs Research and Practice, 50*(1), 72-87.
- Banyard, V. L., Ward, S., Cohn, E. S., Plante, E. G., Moorhead, C., & Walsh, W. (2007). Unwanted Sexual Contact on Campus: A Comparison of Women's and Men's Experiences. *Violence and Victims, 22*, 53-71.
- Berliner, L., Fine, D., & Moore, D. (2001). Sexual Assault Experiences and Perceptions of Community Response to Sexual Assault: A Survey of Washington State Women.
- Brunt, B. V., Murphy, A., & O'Toole, M. E. (2015). The Dirty Dozen: Twelve Risk Factors for Sexual Violence on College Campuses (DD-12). *Violence and Gender, 2*(3).
- Buddie, A. M., & Miller, A. G. (2001). Beyond Rape Myths: A more Complex View of Perceptions of Rape Victims. *Sex Roles: A Journal of Research, 45*(3-4), 139-160.
- Burt, M. R. (1980). Cultural Myths and Supports for Rape. *Journal of Personality & Social Psychology, 38*(2), 217-230.

- Brownmiller, S. (1975). *Against our will: Men, women, and rape*. Nova Iorque, NY: Simon & Schuster.
- Campbell, R., Dworkin, E., & Cabral, G. (2009). An Ecological Model of the Impact of Sexual Assault on Women's Mental Health. *Trauma, Violence, & Abuse, 10*, 225-246.
- Clay-Warner, J. & McHahon-Howard, J. (2009). Rape Reporting: "Classic Rapee" and the behavior of law. *Violence and Victims, 24*(6), 723-743.
- Coker, A. L., Cook-Craig, P. G., Williams, C. M., Fisher, B. S., Clear, E. R., Garcia, L. S., & Hegge, L. M. (2011). Evaluation of Green Dot: An Active Bystander Intervention to Reduce Sexual Violence on College Campuses, *Violence Against Women, 17*(6), 777-796, Sage Publications.
- Coker, A. L., Fisher, B. S., Bush, H. M., Swan, S. C., Williams, C. M., Clear, E. R., & DeGue, S. (2014). Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses. *Violence Against Women, 1*-21, Sage Publications.
- Código Penal. (2017).
- Cohn, A., Zinzow, H., Resnick, H., & Kilpatrick, D. (2013). Correlates of reasons for not reporting date rape to police: results from a national telephone household probability sample of women with forcible or drug-or-alcohol facilitated/incapacitated rape. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(3), 455-473.
- Costa, I., & Sani, A. (2007). O Abuso e as Crenças sobre a Violência nas Relações Amorosas de Estudantes Universitários. *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento, 8*.
- Davies, M., Pollard, P., & Archer, J. (2001). The Influence of Victim Gender and Sexual Orientation on Judgments of the Victim in a Depicted Stranger Rape. *Violence and Victims, 16*, 607-619.
- DeMatteo, D., Galloway, M., Arnel, S., & Patel, U. (2015). Sexual Assault on College Campuses: A 50-State Survey of Criminal Sexual Assault Statutes and Their Relevance to Campus Sexual Assault. *Psychology, Public Policy, and Law, 21*(3), 227-238.

- Deming, M. E., Covan, E. K., Swan, S., & Billings, D. L. (2013). Exploring Rape Myths, Gendered Norms, Group Processing, and the Social Context of Rape Among College Women: A Qualitative Analysis. *Violence Against Women, 19*(4), 465-485.
- Dick, K. (2015) *The Hunting Ground* (Documentário).
- Eyssel, F., & Bohner, G. (2011). Schema Effects of Rape Myth Acceptance on Judgments of Guilt and Blame in Rape Cases: The Role of Perceived Entitlement to Judge. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(8), 1579-1605.
- Faravelli, C., Guigni, A., Salvatori, S., & Ricci, V. (2004). Psychopathology after rape. *American Journal of Psychiatry, 161*, 1483-1485.
- Fisher, B., Cullen, F., & Turner, M. (2000). *The sexual victimization of college women*. Department of Justice, National Institute of Justice and Bureau of Justice Statistics.
- Fisher, B., Daigle L. E., & Cullen, F. (2010). *Unsafe in the Ivory Tower: The Sexual Victimization of College Women*. Sage Publishing.
- Ford, J., & Soto-Marquez, J.G. (2016). Sexual Assault Victimization Among Straight, Gay/Lesbian, and Bisexual College Students. *Violence, and Gender, 3*(2).
- Franklin, C. A. (2011). An Investigation of the Relationship Between Self-Control and Alcohol-Induced Sexual Assault Victimization. *Criminal Justice and Behavior, 38*(3), 263-285.
- Gerger, H., Kley, H., Bohner, G., & Siebler, F. (2007). The Acceptance of Modern Myths About Sexual Aggression (AMMSA) Scale: Development and Validation in German and English. *Aggressive Behavior, 33*, 420-440.
- Gilmore, A. K., Lewis, M. A., & George, W. H. (2015). A Randomized Controlled Trial Targeting Alcohol Use and Sexual Assault Risk Among College Women at High Risk For Victimization. *Behaviour Research and Therapy, 74*, 38-49.
- Hines, D. A., Armstrong, J. L., Reed, K. P., & Cameron, A. Y. (2012). Gender Differences in Sexual Assault Victimization Among College Students. *Violence and Victims, 27*(6).

- Holland, K. J., & Cortina, L. M. (2017). "It Happens to Girls All the Time": Examining Sexual Assault Survivor's Reasons for Not Using Campus Supports. *American Journal of Community Psychology, 59*, 50-64.
- Jordan, C. E., Campbell, R., & Follingstad, D. (2010). Violence and Women's Health: The Impact of Physical, Sexual, and Psychological Agression. *Annual Review of Clinical Psychology, 6*, 607-628.
- Jordan, C. E., Combs, J. L., & Smith, G. T. (2014). An Exploration Of Sexual Victimization And Academic Performance Among College Women. *Trauma, Violence, & Abuse, 1-10*.
- Jozkowski, K. N., Peterson, Z. D., Sanders, S. A., Dennis, B., & Reece, M. (2014). Gender Differences in Heterosexual College Students': Conceptualizations And Indicators of Sexual Consent: Implications for Contemporary Sexual Assault Prevention Education. *The Journal of Sex, 51*(8), 904-916. doi: 10.1080/00224499.2013.792326.
- Kaura, S. A., & Lohman, B. J. (2007). Dating Violence Victimization, Relationship Satisfaction, Mental Health Problems, and Acceptability of Violence: A Comparison of Men and Women. *Journal of Family Violence, 22*, 367-381.
- Kilpatrick, D. G, Acierno R., Resnick, H. S., Saunders, B. E, & Best C .L. (1997). A 2-year longitudinal analysis of the relationships between violent assault and substance use in women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 65*(5), 834-847.
- Kilpatrick, D. G, Resnick, H. S., Ruggiero, K. J., Conoscenti, L. M., & McCauley, J. (2007). Drug-facilitated, incapacitated, and forcible rape: A national Study.
- Kingree, J. & Thompson, M. (2015). A comparison of risk factors for alcohol-involved and alcohol-uninvolved sexual aggression. *Journal of Interpersonal Violence, 30*, 1478 - 1492.
- Koss, M. P., & Dinero, T. E. (1989). Discriminant Analysis of Risk Factors for Sexual Victimization among a National Sample of College Women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 57*, 242-250.

- Kosson, D., Kelly, J., & White, J. (1997). Psychopathy-related Traits Predict Self-reported Sexual Aggression among College Men. *Journal of Interpersonal Violence, 12*, 241-254.
- Krivoshey, M. S., Adkins, R., Hayes, R., Nemeth, J. M., & Klein, E. G. (2013). Sexual Assault Reporting Procedures at Ohio Colleges. *Journal of American College Health, 61*(3), 142-147. doi: 10.1080/07448481.2013.769260.
- Krebs, C. P., Lindquist, C. H., Fisher, B. S., & Martin, S. L. (2007). *The Campus Sexual Assault Study*. Washington, DC: US Department of Justice.
- Kufell, S. & Katz, J. (2002). Preventing physical, psychological and sexual aggression in college dating relationships. *The Journal of Primary Prevention, 22*, 361-374.
- Lindquist, C. H., Barrick, K., Krebs, C., Crosby, C. M., Lockard, A. J., & Sanders-Phillips, K. (2013). The Context and Consequences of Sexual Assault Among Undergraduate Women at Historically Black Colleges and Universities (HBCUs). *Journal of Interpersonal Violence*.
- Lisak, D., & Miller, P. M. (2002). Repeat Rape and Multiple Offending Among Undetected Rapists. *Violence and Victims, 17*(1)
- Littleton, H., Grills-Taquechel, A., & Axsom, D. (2009). Impaired and incapacitated rape victims: Assault characteristics and post-assault experiences. *Violence and Victims, 24*(4), 439-457.
- Logan, T. K., Cole, J., & Capillo, A. (2007). Differential characteristics of intimate partner, acquaintance, stranger rape survivors examined by a sexual assault nurse examiner. *Journal of Interpersonal Violence, 22*, 1066-1076.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, J. M. (2006). Prevenção da Violência nas Relações de Namoro: Intervenção com Jovens em Contexto Escolar. *Psicologia: Teoria e Prática, 8*(1), 55-75.
- Martin, S. L., Fisher, B. S., Warner, T. D., Krebs, C. P., & Lindquist, C. H. (2011). Women's Sexual Orientations And Their Experiences Of Sexual Assault Before And During University. *Women's Health Issues, 21*(3), 199-205.

- Martins, S. M. C. (2012). Violência e Perpetração Sexual em Jovens Adultos: da Caracterização da Prevalência às Atitudes.
- McMahon, P. P. (2008) Sexual Violence on the College Campus: A Template for Compliance With Federal Policy, *Journal of American Health*, 57(3), 361-365.
- Mohler-Kuo, M., Dowdall, G. W., Koss, M. P., & Wechsler, H. (2004). Correlates of Rape while Intoxicated in a National Sample of Collegger Women. *Journal of Studies on Alcohol*.
- Mouilso, E. R., Fischer, S., & Calhoun, K. S. (2012). A Prospective Study of Sexuaal Assault and Alcohol Use Among First-Year College Women. *Violence and Victims*, 27(1).
- Neilson, E. C., Gilmore, A. K., Pinsky, H. T., Shepard, M. E., Lewis, M. A., & George, W. H. (2015). The Use of Drinking and Sexual Assault Protective Behavioral Strategies: Associations With Sexual Victimization and Revictimization Among College Women. *Journal of Interpersonal Violence*.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no contexto íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165-184.
- Sabina, C., & Ho, L. Y. (2014). Campus and College Victim Responses to Sexual Assault and Dating Violence: Disclosure, Service Utilization, and Service Provision. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15(3), 201-226.
- Schwartz, R., McMahon, S., & Broadnax, J. (2015). A Review of Sexual Assault Information on College Web Sites. *Health & Social Work*, 40(4), 275-282.
- Swan, S. C., Allen, C. T., & Ridgeway, R. (2015). College Students' Beliefs Regarding Help Seeking for Male and Female Sexual Assault Survivors: Even Less Suport for Male Survivors. *Journal of Agression, Maltreatment & Trauma*, 24, 102-115.
- Swan, S. C., Warren, P., & Allen, C. T. (2015). Comprehension of Sexual Consent as a Key Factor in the Perpetration of Sexual Aggression Among College Men. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 24, 897-913.

- Sorenson, S. B., Joshi, M., & Sivitz, E. (2013). Knowing a Sexual Assault Victim or Perpetrator: A Stratified Random Sample of Undergraduates at One University. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-23.
- Stotzer, R. & MacCartney, D. (2015). The Role of Institutional Factors on On-Campus Reported Rape Prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-21.
- Sutherland, J. L., Amar, A. F., & Sutherland, M. A. (2014). Victimization and Perpetration of Sexual Violence in College-Aged Men and Women. *Journal of Forensic Nursing*, 10(3).
- Sutton, T. E. & Simons, L. G. (2015). Sexual Assault Among College Students: Family of Origin Hostility, Attachment, and The Hook-Up Culture As Risk Factor. *Journal of Child and Family Studies*, 24, 2827-2840.
- Sweeney, B. N. (2011). The Allure of the Freshman Girl: Peers, Partying, and the Sexual Assault of First-Year College Women. *Journal of College & Character*, 12(4), 1-5.
- Tharp, A. T., DeGue, S., Valle, L. A., Brookmeyer, K. A., Massetti, G. M., & Matjasko, J. L. (2012). A Systematic Qualitative Review of Risk and Protective Factors for Sexual Violence Perpetration. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(2), 133-167.
- Thompson, M. P., & Kingree, J. B. (2010). Sexual Victimization, Negative Cognitions, And Adjustment In College Women. *American Journal of Health Behavior*, 34(1).
- Turchik, J. A. (2012). Sexual Victimization Among Male College Students: Assault Severity, Sexual Functioning, and Health Risk Behaviors. *Psychology of Men & Masculinity*, 13(3), 243-255.
- Ullman, S. E., & Najadowski, C. J. (2010). Understanding Alcohol-Related Sexual Assaults: Characteristics and Consequences. *Violence and Victims*, 25(1), 29-44.
- Walsh W. A., Banyard, V. L., Moynihan, M. M., Ward, S., & Cohn, E. S. (2010). Disclosure and Service Use on a College Campus After an Unwanted Sexual Experience, *Journal of Trauma & Dissociation*, 11, 134-151.

Anexos

Anexo A: Questionário sobre a incidência de violência sexual no campus universitário reduzido

A Violência Sexual nos Estudantes Universitários Portugueses

O meu nome é Catarina Araújo e sou estudante de Psicologia no ISPA - Instituto Universitário, do 5º ano de Mestrado em Psicologia Clínica. A minha tese tem como tema "A Violência Sexual nos Estudantes Universitários Portugueses", e tem como fim determinar e caracterizar a prevalência da violência sexual nos estudantes universitários portugueses, uma vez que não existe investigação em Portugal que tenha este objetivo em específico. Deste modo, gostaria de pedir a sua disponibilidade para a realização deste inquérito que irá servir de base para o meu estudo. Se alguma das questões o/a deixar incomodado/a por alguma razão, pode optar por não responder. Este questionário demora aproximadamente 5 minutos a responder. O inquérito é confidencial, anónimo e o seu preenchimento é voluntário. Qualquer dúvida ou esclarecimento sobre a investigação não hesite em contactar através do e-mail: catarina_872@hotmail.com.

Obrigada pela sua participação!

Catarina Araújo

1. Quer responder ao questionário?

Sim Não

2. Que idade tem?

17 anos 18 anos 19 anos 20 anos 21 anos 22 anos 23 anos 24anos 25 anos ou mais

3. Que ano frequenta?

1º Ano 2º Ano 3º Ano 4º Ano 5º Ano

4. Qual o seu sexo?

Feminino Masculino

5. Qual a sua nacionalidade? _____

6. As pessoas são diferentes no tipo de atração sexual em relação aos(às) outros(as). Qual a situação que melhor o(a) descreve?

- Somente atraído(a) por mulheres A maior parte das vezes atraído(a) por mulheres
 Igualmente atraído(a) por mulheres e homens A maior parte das vezes atraído(a) por homens
 Somente/unicamente atraído(a) por homens Não tenho a certeza

7. Quais destas situações melhor descreve a sua situação neste momento quanto a relacionamentos?

Por relacionamentos entendemos alguma situação que varie entre encontros casuais a uma relação comprometida, incluindo as seguintes situações:

- Engatar alguém
 Fazer algo sexual com alguém
 Ter uma relação aberta na qual também se encontra com outras pessoas
 Sair com outra pessoa
 Estar numa relação comprometida com um namorado ou namorada
 Viver com um namorado ou namorada
 Encontro casual sem uma relação comprometida
 Fazer algo de sexual com alguém sem ter uma relação comprometida
 Não estou a sair com ninguém atualmente, mas saí no início do semestre letivo

8. Já esteve grávida ou engravidou alguém?

- Sim Não Não Sei

Desde o início do ano letivo anterior:

9. Quantas vezes soube ou suspeitou que alguém tinha colocado droga(s) na bebida sem ter conhecimento?

- Nenhuma vez 1 vez 2 vezes 3 a 5 vezes 6 a 9 vezes 10 vezes ou mais
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

10. Onde é que isso aconteceu?

- Num Bar Numa Discoteca
 Numa Residência Universitária Numa casa
 Noutro local (por favor especifique) _____

11. O que aconteceu quando suspeitou ou percebeu que estava drogado(a)?

- Ficou fisicamente doente
- Foi alvo de toques sexuais não consentidos
- Ficou fisicamente ferido(a) (bateram, esbofetearam, espancaram)?
- Foi forçado(a) ter relações sexuais
- Outra situação, especifique, por favor _____

12. Alguma vez colocou ou conhece alguém que tenha colocado drogas na bebida de outra pessoa de propósito?

- Nenhuma vez
- 1 vez
- 2 vezes
- 3 a 5 vezes
- 6 a 9 vezes
- 10 vezes ou mais
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior
- Escolho não responder

Este conjunto de questões está relacionado com atividade sexual indesejada que possa ter experienciado. Por atividade sexual indesejada entendemos tocar nas partes privadas do corpo, fazer sexo oral ou anal ou genital não desejado. Desde o início do ano letivo anterior, quantas vezes esteve:

13. Envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?

- Nenhuma vez
- 1 vez
- 2 vezes
- 3 a 5 vezes
- 6 a 9 vezes
- 10 vezes ou mais
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior
- Escolho não responder

14. Quem fez isso?

- O meu/minha parceiro(a) actual
- O meu/minha parceiro(a) anterior
- Um(a) Amigo(a)
- Um(a) Conhecido(a)
- Um(a) Estranho(a)
- Não sei quem o possa ter feito

Desde o início do ano letivo anterior:

15. Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob efeito de drogas e por isso não o(a) travar?

- Nenhuma vez
- 1 vez
- 2 vezes
- 3 a 5 vezes
- 6 a 9 vezes
- 10 vezes ou mais
- Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior
- Escolho não responder

16. Quem fez isso?

- O meu/minha parceiro(a) atual O meu/minha parceiro(a) anterior
 Um(a) Amigo(a) Um(a) Conhecido(a)
 Um(a) Estranho(a) Não sei quem o possa ter feito

17. Teve relações sexuais indesejadas com pessoas que não queriam por estarem sob o efeito de drogas ou álcool.

- Nenhuma vez 1 vez 2 vezes 3 a 5 vezes 6 a 9 vezes 10 vezes ou mais
Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes:

18. Teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?

- Nenhuma vez 1 vez 2 vezes 3 a 5 vezes 6 a 9 vezes 10 vezes ou mais
Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

19. Quem fez isso?

- O meu/minha parceiro(a) atual O meu/minha parceiro(a) anterior
 Um(a) Amigo(a) Um(a) Conhecido(a)
 Um(a) Estranho(a) Não sei quem o possa ter feito

20. Sofreu ferimentos em resultado de atividades sexuais não consentidas?

- Nenhuma vez 1 vez 2 vezes 3 a 5 vezes 6 a 9 vezes 10 vezes ou mais
Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

21. Teve relações sexuais com pessoas que não queriam porque as ameaçou de usar ou usou força física (torcendo-lhes os braços, atirando para o chão, etc.)?

- Nenhuma vez 1 vez 2 vezes 3 a 5 vezes 6 a 9 vezes 10 vezes ou mais
Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior Escolho não responder

22. Falou com algum amigo(a), familiar, profissional, telefonou para alguma linha de apoio, procurou ajuda médica ou chamou a polícia em resultado de atividades sexuais não consentidas?

	Não	Sim, desde o início do ano letivo anterior	Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior
Falei com um amigo(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com colega da Residência Universitária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com um profissional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com uma organização de vítimas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com assistente social	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com um psicólogo ou outro terapeuta de saúde mental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactei organização ou centro de apoio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei ajuda on-line	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactei serviços de apoio ao Estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei cuidados de saúde na Universidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Telefonei para linha de apoio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chamei a polícia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

23. Alguma vez faltou à escola/emprego em consequência de ter tido relações sexuais não-consentidas.

- Nenhuma vez
 1 vez
 2 vezes
 3 a 5 vezes
 6 a 9 vezes
 10 vezes ou mais
 Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior
 Escolho não responder

24. As notas/classificação pioraram em resultado ou consequência de relações sexuais não-consentidas?

- Sim
 Não

25. Enquanto estudante universitário, esteve presente em alguma apresentação sobre a prevenção da violência sexual?

Sim, uma vez Sim, duas vezes Sim, mais de duas vezes Não Escolho não responder

26. Qual é a sua situação escolar?

Estudante Trabalhador – Estudante Outro

27. Com quem vive?

Sozinho Com os meus pais ou outros familiares adultos Com companheiro(s) (excepto parceiro amoroso) Com o meu marido/mulher, namorado/namorada ou outro parceiro amoroso

O questionário chegou ao fim! Agradeço pela sua participação!